

**PUC**  
RIO

INSTITUTO DE FILOSOFIA JOÃO PAULO II



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Vitor Alves de Aguiar**

**A Felicidade dos Amigos:  
uma leitura a partir de Aristóteles e Michel de Montaigne**

**MONOGRAFIA**

**Rio de Janeiro  
Dezembro, 2018**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**

**Curso de Filosofia**

**A Felicidade dos Amigos:  
uma leitura a partir de Aristóteles e Michel de Montaigne**

**Vitor Alves de Aguiar**

**Orientador: Prof. Dr. Sergio de Souza Salles**

**Vitor Alves de Aguiar**

**A Felicidade dos Amigos:  
uma leitura a partir de Aristóteles e Michel de Montaigne**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Filosofia.

**Prof. Dr. Sergio de Souza Salles**

**Rio de Janeiro,  
Dezembro de 2018.**

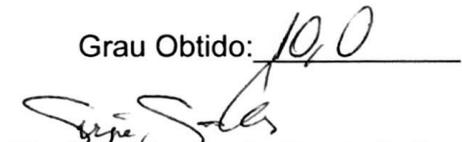
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Vitor Alves de Aguiar

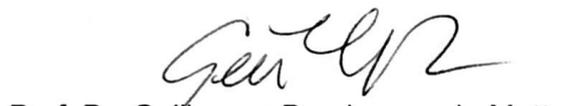
**A Felicidade dos Amigos:  
uma leitura a partir de Aristóteles e Michel de Montaigne**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Filosofia. Avaliada pela Banca Examinadora, abaixo assinada.

Grau Obtido: 10,0

  
Prof. Dr. Sergio de Souza Salles

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

  
Prof. Dr. Guilherme Domingues da Motta

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Observações da banca:

---

---

---

---

---

---

---

Rio de Janeiro,  
Dezembro de 2018.

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos.

## **Agradecimentos**

A Deus, que me iluminou no decorrer do estudo monográfico. Aos meus pais, Maria Suely Oliveira Alves e Osvaldo Alves de Aguiar, por sempre me apoiarem e me guiarem pelo caminho da virtude. Agradeço também aos meus irmãos, Igor Alves, Maiara Oliveira, Maicon Oliveira e Thiago Silva. Aos meus cunhados, Felipe Santana e Kayciane Silva. Aos meus sobrinhos, Laysla Isabela, Samuel Lucca e Mateus Santana. Todos os meus parentes que direta ou indiretamente participaram e participam da minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sergio Salles, que com muita paciência e disposição se propôs a ajudar-me nesse trabalho monográfico. E todos os professores do curso de filosofia, Pe. Eduardo Braga, Pe. Marcos Paulo. Pe. André, Côn. Marcos Willian, Carlos Frederico Calvet, Guilherme Domingues, Leandro Abrantes, Robson de Oliveira, que me auxiliaram no itinerário filosófico.

Aos meus irmãos, amigos e Pe. formador da comunidade São Pio de Pietrelcina, que sempre me apoiaram e com muito carinho e amizade me acolheram. Em especial ao Pe. José Carlos, Pe. Thiago Bartoli, Muryllo Reis, Kadun Dornelles, Vitor Mattos, Bruno Cortes, Gleiciano Freitas, Iago Deodato, Emerson Manoel, Addae Vinícius, Isaac de Deus, Marcos Felipe, Fernando Freire e Gabriel Pimentel. A todos os amigos que Deus colocou em minha vida, que colaboraram e me incentivaram dando o testemunho de uma amizade fraterna e sincera, me inspirando assim a desenvolver esse trabalho acadêmico.

Aos colegas de turma e irmãos de Diocese, Elvis Rodrigues, Gerson Victorino, Kayo Campeche, Leonardo Victor, Mathaus Sampaio, Paulo André, Sávio Fiorot e Wallas Oliveira. Agradeço também ao Padre Reitor da Diocese de Teixeira de Freitas/Caravelas-BA, Pe. Isael Silva, pela confiança e carinho. Ao pároco da minha paróquia de origem, Pe. Raul Felipe, pela sua terna amizade. Aos meus amigos de infância, pela consideração e amizade.

A toda equipe formativa do Seminário Arquidiocesano de São José do Rio de Janeiro, que com muito amor me acolheram no decorrer desses três anos de formação. Ao Padre Reitor, Cônego Leandro Câmara, pela dedicação e carinho. Aos meus diretores espirituais, Pe. Nerivaldo Azevedo e Pe. Cláudio, que me auxiliaram na caminhada vocacional nesse período. A todos os Padres de pastorais que tive a oportunidade de trabalhar e vivenciar a experiência da verdadeira amizade.

*“No mundo é necessário que aqueles que se entregam à prática da virtude se unam por uma santa amizade, para mutuamente se animarem e conservarem nesses santos exercícios.”*

*(São Francisco de Sales)*

## **Resumo**

O presente trabalho monográfico tem por objetivo apresentar um caminho para se atingir a felicidade por meio da amizade virtuosa, tendo como base os *Ensaaios sobre a amizade* de Michel de Montaigne e a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. O filósofo humanista vivenciou uma célebre amizade descrita no capítulo XXVIII da obra *Ensaaios*. Sendo assim, faz-se necessário entender como a amizade era concebida pelos gregos, mais especificamente por Aristóteles, tendo em vista que, o pensador francês cita o Estagirita como uma das referências em seus estudos sobre a amizade. Dentre todas as espécies de amizade existentes, a virtuosa será considerada a perfeita, pois essa conduz o homem a uma felicidade, na qual os amigos se tornam um espelho de virtude que tem como finalidade o bem recíproco. A amizade classificada como uma virtude, possibilitará o ensaísta vivenciar uma felicidade que durou até a morte do amigo, Étienne La Boétie.

**Palavras-chave:** Montaigne. Aristóteles. Amizade. Virtude. Felicidade.

## Résumé

Ce travail monographique actuel vis à présenter un moyen d'attendre le bonheur à travers l'amitié vertueuse, basée sur *les Essais à propos de l'amitié* de Michel de Montaigne et sur *l'Éthique d'Aristote à Nicomaque*. Le philosophe humaniste a vécu une amitié célèbre décrite au chapitre XXVIII de l'œuvres *Essais*. Ainsi, il est nécessaire de comprendre comme l'amitié a été vue par les Grecs, plus particulièrement par Aristote, étant donné, le penseur français cite la Stagirite comme l'une des références dans ses études sur l'amitié. Parmi toutes les espèces existantes d'amitié, l'amitié vertueuse sera considérée comme l'amitié parfaite, car celle-ci conduit l'homme au bonheur, sur lequel les amis se rendent un miroir de vertu, qui a le but de bien réciproque. L'amitié qualifiée comme une vertu rendra possible l'essayiste de vivre un bonheur qui durera jusqu'à la mort de son ami Étienne La Boétie.

**Mots-clés:** Montaigne. Aristote. Amitié. Vertu. Bonheur.

## Lista de Abreviaturas

EN            Ética a Nicômaco

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 O CONCEITO DE AMIZADE SEGUNDO ARISTÓTELES .....	13
1.1 Amizade necessária ao homem .....	14
1.2 Amizade por utilidade.....	18
1.3 Amizade por prazer .....	20
1.4 Amizade virtuosa.....	22
1.5 Características da amizade.....	24
2 O CONCEITO DE AMIZADE SEGUNDO MONTAIGNE .....	29
2.1 Da amizade vivida.....	30
2.2 As amizades comuns .....	34
2.3 Amizade entre familiares.....	38
2.4 Amizade perfeita .....	41
2.5 Relação entre amizade e unidade.....	48
3 DA AMIZADE À FELICIDADE .....	52
3.1 Relação entre felicidade e virtude .....	56
3.2 Relação entre amizade e virtude.....	58
3.3 Relação entre amizade e moral .....	60
3.4 Relação entre amizade e felicidade .....	62
3.5 Relação entre amizade e melancolia .....	65
CONCLUSÃO.....	71
REFERÊNCIAS.....	74

## INTRODUÇÃO

Muitos são os temas analisados por diversos filósofos desde a tradição filosófica grega até os dias atuais, dentre eles, pode-se destacar a amizade, tendo em vista que, o homem é um ser para a associação. É natural que o ser humano esteja sempre em contato com o seu semelhante, pois necessitam uns dos outros para compartilhar as suas alegrias e tristezas. A amizade proporciona ao homem um caminho virtuoso que o conduzirá a uma felicidade. Deve-se recordar de que o homem almeja ser feliz por natureza.

A amizade (*φιλία*) como sendo virtude (*αρετή*) será uma base de estudo para filósofos da antiguidade, como por exemplo, Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*, Cícero em seu *Diálogo Sobre a Amizade...* Já na modernidade, o pensador humanista, Michel Eyquem de Montaigne, no capítulo XXVIII em sua obra *Ensaaios (Essais)*, também dedicou-se a dissertar sobre esse tema da amizade (*De l'amitié*), que é um ponto de perfeição e só quem tem um amigo virtuoso pode sentir tal felicidade.

A amizade aponta a busca pelo entendimento da interioridade e está no ato de ensaiar como uma forma de manter vivo o que restava ainda da felicidade vivenciada por meio dela. Essa é uma característica do pensador ensaísta, recordar a felicidade pela experiência vivida da amizade. Com isso, percebe-se que o “ser amigo” (“*être ami*”), não é algo simples, que se dá a partir de qualquer relacionamento, pois exige que os amigos se ajudem mutuamente, visando o bem uns dos outros. De acordo com o humanista e o Estagirita, a partir da vivência virtuosa de uma amizade perfeita, pode-se alcançar uma felicidade.

O presente trabalho será dividido e desenvolvido em três capítulos, nos quais serão analisados se a amizade possibilita o homem ser feliz: no primeiro “O conceito de amizade segundo Aristóteles”; no segundo “O conceito de amizade segundo Montaigne” e no terceiro “Da amizade à felicidade”, contendo também cinco tópicos em cada capítulo, visando o tema “A Felicidade dos Amigos: uma leitura a partir de Aristóteles e Michel de Montaigne”. Portanto, será apresentada a amizade (*philía*) como sendo uma virtude (*areté*) que possibilita o homem atingir uma felicidade que na sua ordem, dimensão, intensidade, pode ser perfeita nos limites das relações humanas.

No primeiro capítulo, faz-se necessário analisar como a amizade (*φιλία*) era concebida na tradição filosófica grega, mais especificamente na pessoa de Aristóteles, tendo em vista que, o Estagirita dentre tantos filósofos gregos, foi quem melhor sintetizou o pensamento grego em relação ao amor de amizade (*αγάπη της φιλίας*). No decorrer dos *Ensaaios Sobre a Amizade (Essais sur l'amitié)*, Montaigne cita passagens da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles como referência, por isso, a relevância de dedicar o primeiro capítulo a uma análise introdutória sobre a concepção de amizade (*philía*) para o Estagirita. No primeiro tópico, analisar-se-á a necessidade que o ser humano tem de relacionar-se com outros, o homem como um ser político e totalmente sociável. No segundo tópico, elencar-se-á a primeira espécie de amizade descrita por Aristóteles, a amizade por utilidade, suas causas e consequências. No terceiro tópico, demonstrar-se-á a segunda espécie de amizade, a amizade por prazer, a sua finalidade e como se forma. No quarto tópico, será exposta a amizade virtuosa, que é a terceira espécie de amizade, considerada verdadeira e característica dos homens bons e semelhantes na virtude. No quinto tópico, ocorrer-se-á uma apresentação das características da amizade e suas relações.

No segundo capítulo, apresentar-se-á o conceito de amizade (*amitié*) no pensamento de Montaigne. Uma amizade, que apesar de ter sido a curto prazo, chegou a ser intensa com seu amigo Étienne de La Boétie, alcançando o nível de perfeição. No primeiro tópico, far-se-á uma breve explanação da amizade vivida entre Montaigne e Étienne, mostrando o valor da amizade para o humanista. No segundo tópico, uma abordagem das amizades consideradas comuns, ou em outras palavras, menos perfeitas. No terceiro tópico, há a exposição da visão do ensaísta em relação à impossibilidade de existir uma amizade perfeita no seio familiar. No quarto tópico, analisar-se-á a amizade que Montaigne considera ser perfeita, diferenciando-se das demais espécies. No quinto tópico, discutir-se-á a relação entre amizade e unidade, uma unidade que exclui todo tipo de divisão.

Por fim, no terceiro capítulo, elucidar-se-á o percurso da amizade até atingir uma felicidade, a relação da amizade com a felicidade e o papel da amizade para o exercício das virtudes. No primeiro tópico, analisa-se a relação entre felicidade e virtude, o homem como tendente à felicidade. No segundo tópico, a abordagem do vínculo entre amizade e virtude, e a semelhança do pensamento montaigneano com outros pensadores. No terceiro tópico, a ligação entre

amizade e moral, a importância da amizade virtuosa e perfeita para a condução da vida moral. No quarto tópico, a relação entre amizade e felicidade, tendo em vista que, aquele que encontra um amigo virtuoso poderá vivenciar uma felicidade, pois a amizade virtuosa é um dos caminhos que permite o homem ser feliz. No quinto e último tópico, a relação entre amizade e melancolia. Uma visão da tristeza profunda que o ensaísta se encontra após a morte do amigo, Étienne La Boétie. Sendo assim, mostrar-se-á que a experiência de amizade proporcionou a Michel de Montaigne ser feliz na medida em que o amigo viveu e com a sua morte, o que lhe resta é a melancolia e a tristeza da infelicidade de não vivenciar mais a amizade perfeita.

# 1 O CONCEITO DE AMIZADE SEGUNDO ARISTÓTELES

Antes de se aprofundar os estudos sobre a concepção de amizade para o filósofo Michel Eyquem de Montaigne, deve-se primeiro fazer uma breve análise da definição de *φιλία* (*phília*), de como era concebida por Aristóteles, tendo em vista que, Montaigne baseou-se na definição do Estagirita para construir seu pensamento acerca da amizade. Sendo assim, será analisado como Aristóteles considerava a vivência em comunidade, um componente importante para que o homem pudesse progredir, tal como se encontra nos capítulos VIII e IX do seu livro *Ética a Nicômaco*.

Em Aristóteles, pode-se observar uma análise minuciosa para compreender a amizade, designando-a como uma convivência íntima, agradável e, sobretudo, benéfica, capaz de fazer da vida humana “bela e boa”, digna, portanto, de ser vivida. Segundo Zeferino Rocha, coube ao Estagirita o merecimento de ter sintetizado o que de melhor o pensamento grego legou sobre o amor de amizade, e destacou especialmente a *phília* em seus escritos por duas razões. Em primeiro lugar, porque a verdadeira amizade era uma autêntica virtude (*αρετή*). E, depois, porque a amizade tinha, para todo grego, uma função importante na *pólis* (cidade)<sup>1</sup>.

O termo “amizade” (*φιλία*) tem em Aristóteles um sentido mais amplo do que o atual. A amizade não consistiria em uma relação somente entre pessoas que escolhem livremente ficarem próximas, mas incluiria todos aqueles que possuem um fator de unidade, os esposos, os membros de uma família, os que coabitam em uma cidade<sup>2</sup>.

Nos escritos de Aristóteles, pode-se observar a importância da figura do homem feliz, como sendo aquele que vive com outros. Partindo desse pressuposto, o filósofo afirma que:

Não menos estranho seria fazer do homem sumamente feliz um solitário, pois ninguém escolheria a posse do mundo inteiro sob a

---

<sup>1</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a *Philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psychê**, São Paulo, v.10, n.17, p. 65-86, jan./jun 2006, p. 6. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nr=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nr=iso)>. Acesso em: 4 de maio 2018.

<sup>2</sup> Cf. ARÃO, Jorge Douglas. Da Felicidade a Amizade: percursos éticos. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v.2, n. 4, p. 89-94, 2011, p. 90. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/3050>>. Acesso em: 4 de maio 2018.

condição de viver só, já que o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade. Por isso, mesmo o homem bom viverá em companhia de outros, visto possuir ele as coisas que são boas por natureza<sup>3</sup>.

Com isso, diz-se que o homem é um ser, por excelência, que tenderia à associação, o homem é um ser social, ou seja, um animal político (*πολιτικό ζώο*), levado, pela sua própria natureza, a viver junto e em harmonia com outros homens<sup>4</sup>. Por essa razão, o Estagirita afirma em seus escritos sobre a amizade que: “É, evidentemente, e melhor passar os seus dias com amigos e homens bons do que com estranhos ou a primeira pessoa que apareça. Logo, o homem feliz necessita de amigos”<sup>5</sup>. Sendo assim, para o filósofo a amizade era tida como algo necessário para completar a vida de um homem, ou seja, para ser totalmente feliz.

### 1.1 Amizade necessária ao homem

Aristóteles inicia a sua investigação dizendo que a amizade seria uma espécie de virtude (*areté*) que é necessária à vida de todo homem: “segue naturalmente a discussão sobre a amizade, visto que ela é uma virtude ou implica virtude, sendo além disso, sumamente necessária à vida”<sup>6</sup>. A virtude seria uma espécie de disposição interior, um costume ou ainda um “hábito” que aperfeiçoa os seres humanos, tornando-os capazes de agir, quase sempre, de um modo excelente<sup>7</sup>. O Estagirita continua afirmando que: “[...] sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens”<sup>8</sup>. De fato, o amigo (*φίλος*) sempre é uma ajuda na vida do homem, tanto nos momentos de alegria quanto nos momentos de tristeza.

<sup>3</sup> ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco (EN)**. Tradução Torrieri Guimarães. 6.ed. São Paulo. Editora Martin Claret. 2001, IX, 9 1169b 20, p. 200-201. (A partir de agora, esta obra será citada seguindo a notação de Bekker para as obras de Aristóteles).

<sup>4</sup> Cf. ARÃO, Jorge Douglas. Da Felicidade a Amizade: percursos éticos. **Sapere Aude**, Belo Horizonte. v.2, n. 4, p. 89-94, 2011, p. 93. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/3050>>. Acesso em: 4 de maio 2018.

<sup>5</sup> EN IX, 9 1169b 20, p. 201.

<sup>6</sup> EN VIII, 1 1155a 5, p. 163.

<sup>7</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a *Philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psychê**, São Paulo, v.10, n.17, p. 65-86, jan./jun 2006, p. 66. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 de maio 2018.

<sup>8</sup> EN VIII, 1 1155a 5, p. 163.

Partindo desse pressuposto, observa-se que para Aristóteles, o homem necessita estar em harmonia com outros, e que um amigo seria um grande refúgio nos momentos de dificuldade: “[...] na pobreza e nos demais infortúnios os homens pensam que os amigos são seu único refúgio”<sup>9</sup>. A amizade também seria uma “[...] ajuda para afastar os jovens do erro”<sup>10</sup>. Tomando como referência essa abordagem sobre a amizade, pode-se visualizar que a *philia*, contribui de forma a fazer diferença na vida íntegra do homem.

Aristóteles defendeu que “[...] o homem é um ser político, e está em sua natureza o viver em sociedade”<sup>11</sup>, pois, viver é viver com os outros, é conviver. Desse modo, o homem naturalmente é destinado a viver em comunidade, por isso, não é possível imaginá-lo vivendo sem amigos (*φίλους*), quando ele se sente feliz, deles precisa para partilhar sua alegria<sup>12</sup>. Em outras palavras, mesmo que se tenha muitos outros bens materiais, não suprem a necessidade de um amigo para compartilhar das alegrias ou até mesmo das tristezas, pois o amigo conforta e dá ânimo quando se precisa.

Com isso, pode-se dizer, como Zeferino Rocha, que Aristóteles está em perfeita harmonia com a herança helênica, que é resumida perfeitamente por Eurípedes quando escreve: “é um prazer poder partilhar a felicidade com amigos, mas – que Deus não o permita! - se uma desgraça sobrevier, é doce mergulhar o olhar nos olhos dos amigos”. Por conseguinte, para “viver bem” e atingir o objetivo ético de uma vida “bela e boa”, o ser humano não poderia descartar a primordialidade de uma amizade, pois até mesmo aquele que se julga mais feliz necessita de amigos para as partilhas<sup>13</sup>.

A vivência com o outro é, sem dúvida, uma forma de aprender mais, de estar mais aberto para o diálogo, pois como Aristóteles mesmo afirmou: “[...] na companhia de amigos – “dois que andam juntos” - os homens são mais capazes

---

<sup>9</sup> EN VIII, 1 1155a 10, p.163.

<sup>10</sup> EN VIII, 1 1155a 10, p.163.

<sup>11</sup> EN IX, 9 1169b, p. 201.

<sup>12</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a *Philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. *Psychê*, São Paulo, v.10, n.17, p. 65-86, jan./jun 2006, p. 66. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 de maio 2018.

<sup>13</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a *Philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. *Psychê*, São Paulo, v.10, n.17, p. 65-86, jan./jun 2006, p. 66, grifo do autor. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 de maio 2018.

tanto de agir como de pensar”<sup>14</sup>. Partindo dessa ideia, Zeferino Rocha alude que se percebe a importância da disposição de escutar o próximo, pois se necessita de alguém para suprir o que sozinho não se pode fazer por si mesmo<sup>15</sup>.

Ainda na *Ética* de Aristóteles, observa-se também que a amizade seria superior à justiça: “e quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também de amizade; e considera-se que a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade”<sup>16</sup>. Entretanto, para o Estagirita, a noção de amizade é algo que está além da justiça. Sendo assim, percebe-se que: “[...] as imposições da justiça também parecem aumentar com a intensidade da amizade, o que implica que a amizade e a justiça existem entre as mesmas pessoas e são coextensivas”<sup>17</sup>.

Segundo Maria Regina, a justiça e a amizade possuem os mesmos fins, mas considera a amizade superior em relação à justiça, pois a justiça é utilizada para contornar os nossos atos em relação ao próximo que não conhecemos. A autora continua sua argumentação, dizendo que com os amigos não é necessária justiça, pois a natureza da amizade é completa, como a mais autêntica forma de justiça<sup>18</sup>. Pode-se, então, asseverar que a amizade é superior em relação à justiça.

Zeferino Rocha expõe que o Estagirita apresenta a amizade como elemento principal do seu pensamento ético e político, pelo qual, a amizade não seria somente um sentimento de benevolência ou um intercâmbio sentimental, mas uma verdadeira virtude<sup>19</sup>. Aristóteles afirma que: “[...] a benevolência, quando recíproca, torna-se amizade”<sup>20</sup>. Realmente, através da reciprocidade nas virtudes e no bem querer, a amizade vai se solidificando cada vez mais, pois assim os amigos partilham das mesmas coisas. A amizade com isso, é como um gesto de

<sup>14</sup> EN VIII, 1 1155a 15, p. 161.

<sup>15</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a *Philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. *Psychê*, São Paulo, v.10, n.17, p. 65-86, jan./jun 2006, p. 66. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 de maio 2018.

<sup>16</sup> EN VIII, 1 1155a 25, p. 164.

<sup>17</sup> EN VIII, 9 1160a 5, p. 176.

<sup>18</sup> Cf. SILVA, Maria Regina Ponte da. **O conceito de amizade em Aristóteles**. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/o-conceito-de-amizade-em-aristoteles>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>19</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a *Philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. *Psychê*, São Paulo, v.10, n.17, p. 65-86, jan./jun 2006, p. 66. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 de maio 2018.

<sup>20</sup> EN VIII, 2 1155b 30, p. 165.

partilha, na qual tudo é colocado em comum a serviço do grupo. Portanto, esse gesto é fruto de uma escolha livre, espontânea, e não uma imposição.

Maria Regina alude que, enquanto a amizade envolve a intimidade, a benevolência pode surgir subitamente, como acontece com os adversários em uma competição. Contudo, a benevolência pode ser o início de uma amizade. Portanto, de forma esclarecedora Aristóteles afirma:

Por uma extensão da palavra amizade, poderíamos dizer que a benevolência é a amizade inativa, não obstante, quando se prolonga ao ponto de intimidade, ela passa a ser amizade verdadeira. Mas não se trata da amizade baseada na utilidade ou no prazer, pois a benevolência não se manifesta em tais condições<sup>21</sup>.

Nelson Maria, por sua vez, faz uma breve relação entre a igualdade e a justiça, tendo em vista que, quando os conjuga, acontece a amizade equitativa: “Uma amizade fruto da reciprocidade dos amigos, pois tem em mente a porção de igualdade que seja semelhante tanto para um quanto para o outro. Caso contrário, se for desigual, gera desavenças”<sup>22</sup>.

Aristóteles define e diferencia em sua obra *Ética a Nicômaco*, mais especificamente no livro VIII, três tipos de amizades nas relações humanas:

Há, assim, três espécies de amizade iguais em número às coisas que são estimáveis; pois com respeito a cada uma delas existe um amor mútuo e conhecido, e os que se amam desejam-se bem a respeito daquilo por que se amam<sup>23</sup>.

São elas: a amizade utilitarista, prazerosa e virtuosa. Nadir Antônio sustenta que a distinção entre esses três tipos de amizade se dá a partir do bem querer em relação ao amigo<sup>24</sup>. Todas elas merecem receber o título de “amizade”, porém, somente a virtuosa é a amizade considerada perfeita segundo Aristóteles. As

<sup>21</sup>Cf. SILVA, Maria Regina Ponte da. **O conceito de amizade em Aristóteles**. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/o-conceito-de-amizade-em-aristoteles>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>22</sup> SILVA, Nelson Maria Brechó da. A Amizade Equitativa e Indivisível em Montaigne. **Contemplação**, Marília, n.1, p. 3-17, 2010, p. 1. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/3/4>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>23</sup> EN VIII, 3 1156a, p. 165-166.

<sup>24</sup> Cf. PICHLER, Nadir Antônio. As três formas de amizade na ética de Aristóteles. **Ágora Filosófica**, Pernambuco, ano 4, n.2, p. 193 - 207, jul./dez. 2004, p. 196. Disponível em: <<https://As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&oq=As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&gs>>. Acesso em: 4 de maio 2018.

outras duas, a prazerosa e a utilitarista, só podem ser concebidas por amizade, à medida que visam tornar “boa” a vida e a existência do amigo<sup>25</sup>.

## 1.2 Amizade por utilidade

Na antiguidade, já era comum nas relações entre amigos, existir uma espécie de amizade denominada utilitarista. Baseando-se nesse problema, Aristóteles advertia fazendo uma breve relação da amizade utilitarista e da prazerosa, na qual ambas visam o benefício próprio, e não o bem recíproco, buscando seus próprios interesses para terem alguém que lhes ofereçam prazer ou utilidade. Veja:

Ora, os que se amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmos, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro. Idêntica coisa se pode dizer dos que se amam por causa do prazer; não é devido ao caráter que os homens amam as pessoas espirituosas, mas porque as acham agradáveis. Logo, os que amam por causa da utilidade, amam pelo que é bom para eles mesmos, e os que amam por causa do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles, e não na medida em que o outro é a pessoa amada, mas na medida em que é útil ou agradável<sup>26</sup>.

As amizades por prazer e por utilidade, segundo o próprio filósofo, seriam uma relação meramente accidental, tendo em vista que:

A pessoa amada não é amada por ser o homem que é, mas porque proporciona algum bem ou prazer. Eis por que tais amizades se dissolvem facilmente, se as partes não permanecem iguais a si mesmas: com efeito, se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la<sup>27</sup>.

Tomando como base essa abordagem de que o homem, quando tem uma amizade que visa somente o utilitarismo pode se dissolver facilmente o relacionamento entre os amigos, Maria Regina afirma que:

São consideradas amizades accidentais aquelas que se fundamentam no interesse derivada do amor a utilidade e não ao outro por si mesmo, assim elas são facilmente capazes de se

---

<sup>25</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a *Philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. *Psychê*, São Paulo, v.10, n.17, p. 65-86, jan./jun 2006, p. 66. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 de maio 2018.

<sup>26</sup> EN VIII, 3 1156a 10, p. 166.

<sup>27</sup> EN VIII, 3 1156a 20, p. 166.

fragmentarem quando uma das partes cessa de ser agradável ou útil, pois existia apenas como um meio para se chegar a um fim<sup>28</sup>.

O útil se dissolve facilmente, pois: “não é permanente, mas muda constantemente. E assim, quando desaparece o motivo da amizade, esta se dissolve, pois que existia apenas para os fins de que falamos”<sup>29</sup>. Esse tipo de amizade costuma existir entre os mais velhos e os jovens, como o próprio Aristóteles afirma:

Essa espécie de amizade parece existir principalmente entre velhos (pois na velhice as pessoas buscam não o agradável, mas o útil) e, dos jovens e dos que estão no vigor dos anos, entre os que buscam a utilidade. E tampouco tais pessoas convivem muito umas com as outras, pois às vezes nem sequer se veem com agrado, e por isso não sentem necessidade de tal companhia, a menos que sejam mutuamente úteis: o convívio só lhes é agradável na medida em que despertam uma na outra a esperança de algum bem futuro<sup>30</sup>.

Pode-se citar como exemplo de amizade utilitarista também a relação entre patrão e funcionário. A partir desse ponto de vista, observa-se que: “entre essas amizades alguns classificam também a que se observa entre hospedeiro e hóspede”<sup>31</sup>. Assim sendo, não ama o amigo por ele mesmo, mas a partir do que o amigo pode lhe proporcionar como sendo um bem, fazendo o uso da amizade para se satisfazer, de modo que o amigo é tido como um meio; não como um fim. Como afirmou Maria Regina: “o verdadeiro amigo quer as coisas para as pessoas a quem ele ama, o amigo por acidente as quer para si”<sup>32</sup>.

Aristóteles em sua obra, *Ética a Nicômaco*, expõe que a amizade utilitarista seria formada facilmente entre contrários, tendo em vista que um almeja completar-se no outro:

A amizade com vistas na utilidade parece ser a que mais facilmente se forma entre contrários, como, por exemplo, entre pobre e rico, entre ignorante e letrado; porque um homem ambiciona aquilo que lhe falta e dá algo em troca. Mas nesta classe também se poderia incluir amante e amado, belo e feio<sup>33</sup>.

<sup>28</sup> Cf. SILVA, Maria Regina Ponte da. **O conceito de amizade em Aristóteles**. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/o-conceito-de-amizade-em-aristoteles>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>29</sup> EN VIII, 3 1156a 20, p. 166.

<sup>30</sup> EN VIII, 3 1156a 25, p. 166.

<sup>31</sup> EN VIII, 3 1156a 30, p. 166.

<sup>32</sup> Cf. SILVA, Maria Regina Ponte da. **O conceito de amizade em Aristóteles**. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/o-conceito-de-amizade-em-aristoteles>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>33</sup> EN VIII, 8 1159b 10-15, p. 175.

Com isso, como o próprio filósofo expõe, pode-se visualizar que: “as queixas e censuras surgem unicamente ou principalmente nas amizades que se baseia na utilidade”<sup>34</sup>, pois a finalidade dessa espécie de amizade não é o bem do amigo, uma vez que:

[...] cada um se utiliza do outro em seu próprio benefício, sempre querem lucrar na transação, e pensam que saíram prejudicados e censuram seus amigos porque não recebem tudo o que "necessitam e merecem"; e os que fazem bem a outros não podem ajudá-los tanto quanto eles querem<sup>35</sup>.

Desta forma, aqueles que são amigos por conta da utilidade são considerados amigos menos verdadeiros, já que o amor de amizade utilitarista, se resume apenas em uma troca de interesse:

Aqueles cujo amor consiste numa troca de utilidades e não de prazeres são, ao mesmo tempo, menos verdadeiramente amigos e menos constantes. Os que são amigos por causa da utilidade separam-se quando cessa a vantagem, porque não amavam um ao outro, mas apenas o proveito<sup>36</sup>.

A amizade por utilidade é então considerada uma relação frágil, sendo assim passageira. Essa amizade segundo Aristóteles é, “[...] própria das pessoas de espírito mercantil”<sup>37</sup>. Partindo dessa afirmação, Nadir Antônio esclarece que esse tipo de amizade subsiste enquanto há vantagens, e se desenvolve facilmente entre o pobre e o rico, entre o iletrado e o culto, porque um almeja encontrar no outro o que lhe falta, sendo as amizades dessa classe, repletas de queixas e censuras, pois nelas os amigos não lhe dão tudo o que necessitam e merecem<sup>38</sup>.

### 1.3 Amizade por prazer

A amizade, que tem como finalidade o prazer, também foi analisada por Aristóteles. Pode-se observar que o filósofo expõe que esse tipo de amizade não dura por muito tempo, ou seja, não sendo uma espécie de amizade considerada sólida, tendo em vista que ela sempre estaria em contínua mudança, de acordo

<sup>34</sup> EN VIII, 13 1162b 5, p.182.

<sup>35</sup> EN VIII, 13 1162b 5-10, p 182.

<sup>36</sup> EN VIII, 4 1157a 10, p.164.

<sup>37</sup> EN VIII, 6 1158a 20, p.171.

<sup>38</sup> Cf. PICHLER, Nadir Antônio. As três formas de amizade na ética de Aristóteles. **Ágora Filosófica**, Pernambuco, ano 4, n.2, p. 193 - 207, jul./dez. 2004, p. 198. Disponível em: <<https://As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&oq=As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&gs>>. Acesso em: 4 de maio 2018.

com o agradável e prazeroso, podendo se desfazer facilmente. Segundo Aristóteles:

A amizade dos jovens, por outro lado, parece visar ao prazer, pois eles são guiados pela emoção e buscam acima de tudo o que lhes é agradável e o que têm imediatamente diante dos olhos; mas com o correr dos anos os seus prazeres tornam-se diferentes. E por isso que fazem e desfazem amizades rapidamente: sua amizade muda com o objeto que lhes parece agradável, e tal prazer se altera bem depressa<sup>39</sup>.

Baseando-se nessa citação de que os jovens seriam guiados pelo prazer, que facilmente altera, e pelas emoções, Nadir Antônio escreve:

Aristóteles elucida aqui, por exemplo, o prazer entre o amante e a pessoa amada e nos jovens que vivem buscando emoções e perseguem acima de tudo o agradável. Mas os prazeres dos jovens mudam conforme a idade. Por isso eles se tornam amigos e deixam de ser amigos tão rapidamente. A amizade muda conforme o objeto que lhes é agradável<sup>40</sup>.

O comentador continua sua análise desse tipo de amizade considerando-a semelhante à útil. Busca-se o prazer recíproco no convívio entre amigos. É uma amizade que se mantém, apenas enquanto persistir esse elo prazeroso. Ama-se em função do aprazível<sup>41</sup>, não ama o que o outro é em si, mas somente o que o amigo tem que lhe satisfaz.

João Lobo, tomando também como referência os estudos de Aristóteles sobre a amizade utilitarista, aponta que:

A amizade baseada no prazer que, para o filósofo, é a que floresce entre os jovens pois, diz ele, a vida dos jovens é regulada pelas suas emoções e o seu interesse principal é o seu próprio prazer e a oportunidade do momento. Está mais próxima do amor erótico, da paixão que cega. Por isso foi dito: *L'amour est aveugle, l'amitié ferme les yeux*<sup>42 43</sup>.

<sup>39</sup> EN VIII, 3 1156a-1156b 35, p.166.

<sup>40</sup> Cf. PICHLER, Nadir Antônio. As três formas de amizade na ética de Aristóteles. **Ágora Filosófica**, Pernambuco, ano 4, n.2, p. 193 - 207, jul./dez. 2004, p. 198. Disponível em: <<https://As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&oq=As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&gs>>. Acesso em: 4 de maio 2018.

<sup>41</sup> Cf. PICHLER, Nadir Antônio. As três formas de amizade na ética de Aristóteles. **Ágora Filosófica**, Pernambuco, ano 4, n.2, p. 193 - 207, jul./dez. 2004, p. 198. Disponível em: <<https://As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&oq=As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&gs>>. Acesso em: 4 de maio 2018.

<sup>42</sup> "O amor é cego, a amizade fecha os olhos", tradução nossa.

<sup>43</sup> ANTUNES, João Lobo. "Da Amizade". **Revista Portuguesa de Cirurgia**, Lisboa, v.25, p. 31-34, 2013, p. 32. Disponível em: <[https://Da+Amizade"+joao+lobo+antunes&oq="Da+Amizade"+joao+lobo+antunes&gs](https://Da+Amizade)>. Acesso em: 10 de maio 2018.

#### 1.4 Amizade virtuosa

Dá-se um passo além para ver o sentido da relação que Aristóteles estabelece entre amizade e virtude, da qual resulta a amizade virtuosa como a mais perfeita de suas formas<sup>44</sup>. Em Aristóteles, pode-se observar que a amizade primeira (*proté philía*) é fundamental na vida individual e cívica do homem virtuoso, o homem bom.

A amizade perfeita (*τελεία φιλία*), é aquela na qual os homens se assemelham nas virtudes e são bons, desejam o bem mutuamente, sendo considerados os mais verdadeiros amigos que são bons em si mesmo e para os amigos. Trata-se de uma bondade perfeita na reciprocidade, tendo em vista que:

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso sua amizade dura enquanto são bons — e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. E da mesma forma são agradáveis, porquanto os bons o são tanto em si mesmos como um para o outro, visto que a cada um agradam as suas próprias atividades e outras que lhes sejam semelhantes, e as ações dos bons são as mesmas ou semelhantes<sup>45</sup>.

Com isso, Zeferino Rocha faz uma breve abordagem dizendo que em relação aos amigos virtuosos que são bons em si mesmos, Aristóteles estaria revelando o fundamento filosófico da amizade no próprio ser da pessoa amiga, naquela bondade que vem do mais íntimo do seu ser<sup>46</sup>. Deste modo, percebe-se então, que uma amizade virtuosa não é fácil de ser encontrada, pois exige que ambas as partes sejam semelhantes, que tenham como finalidade almejar o bem do outro. Por isso, Aristóteles alude que:

Tal amizade é, como seria de esperar, permanente, já que eles encontram um no outro todas as qualidades que os amigos devem

---

<sup>44</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psychê**, São Paulo, v.10, n.17, p. 65-86, jan./jun 2006, p. 75. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 de maio 2018.

<sup>45</sup> EN VIII, 3 1156b 5-15, p. 167.

<sup>46</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psychê**, São Paulo, v.10, n.17, p. 65-86, jan./jun 2006, p. 72. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 de maio 2018.

possuir. Com efeito, toda a amizade tem em vista o bem ou o prazer — bem ou prazer, quer em abstrato, quer tais que possam ser desfrutados por aquele que sente a amizade —, e baseia-se numa certa semelhança. E à amizade entre homens bons pertencem todas as qualidades que mencionamos, devido à natureza dos próprios amigos, pois numa amizade desta espécie as outras qualidades também são semelhantes em ambos; e o que é irrestritamente bom também é agradável no sentido absoluto do termo, e essas são as qualidades mais estimáveis que existem. O amor e a amizade são, portanto, encontrados principalmente e em sua melhor forma entre homens desta espécie<sup>47</sup>.

Contudo, em perfeita harmonia com o Estagirita, pode-se afirmar que “[...] é natural que tais amizades não sejam muito frequentes, pois que tais homens são raros”<sup>48</sup>. Essa espécie de amizade seria rara, pois necessita de tempo para os amigos conviverem e se aproximarem, posto isto, “acresce que uma amizade dessa espécie exige tempo e familiaridade”<sup>49</sup>. O filósofo complementa dizendo que: “O desejo da amizade pode surgir depressa, mas a amizade não”<sup>50</sup>. A amizade virtuosa é construída a partir do tempo que os amigos terão para se conhecerem e se familiarizarem, assim como se pode observar:

Essa espécie de amizade, pois, é perfeita tanto no que se refere à duração como a outros respeitos, e nela cada um recebe de cada um a todos os respeitos o mesmo que dá, ou algo de semelhante; e é exatamente isso o que deve acontecer entre amigos<sup>51</sup>.

Partindo desse breve relato sobre a concepção de amizade para Aristóteles, pode-se então perceber que “[...] só os homens bons podem ser amigos. Com efeito, os maus não se deleitam com o convívio uns dos outros, a não ser que essa relação lhes traga alguma vantagem”<sup>52</sup>. A partir dessa ideia de que os maus não podem se relacionar amigavelmente de forma perfeita, mas somente viciosa, e que só os bons podem ser amigos segundo a virtude, constituindo assim uma amizade perfeita (*teleia philía*), Aristóteles sustenta que:

A amizade entre os bons, e só ela, também é invulnerável à calúnia, pois não damos ouvidos facilmente às palavras de qualquer um a respeito de um homem que durante muito tempo submetemos à prova; e é entre os bons que são encontradas a

<sup>47</sup> EN VIII, 3 1156b 20, p. 167.

<sup>48</sup> EN VIII, 3 1156b 25, p. 167.

<sup>49</sup> EN VIII, 3 1156b 25, p. 167.

<sup>50</sup> EN VIII, 3 1156b 30, p.167.

<sup>51</sup> EN VIII, 4 1156b 30-35, p.168.

<sup>52</sup> EN VIII, 4 1157a 15, p.168.

confiança, o sentimento expresso pelas palavras, "ele nunca me faria uma deslealdade", e todas as outras coisas que se requerem numa verdadeira amizade. Nas outras espécies de amizade, porém, nada impede que tais males venham a manifestar-se<sup>53</sup>.

Portanto, somente a amizade entre os homens bons ou entre os homens semelhantes nas virtudes, seria uma amizade que duraria, resistindo a todo tipo de difamação e calúnia, pois ambos os amigos já se conhecem o bastante para não se deixarem levar pelo que os homens maus diriam, para tentar destruir a relação de amizade.

### 1.5 Características da amizade

Aristóteles faz um breve esclarecimento mostrando de que forma pode-se dizer que utilitarismo e prazer também podem ser chamados nas relações humanas de amizade. O Estagirita mostra o porquê da existência dessas espécies de amizades, veja:

Com efeito, os homens aplicam o nome de amigos mesmo àqueles cujo motivo é a utilidade, e nesse sentido se diz que as disposições são amigáveis (pois as alianças de disposições parecem visar a vantagem), e também aos que se amam com vistas no prazer — e é neste sentido que se diz serem amigas as crianças. Portanto, nós também deveríamos talvez chamar amigas a tais pessoas e dizer que existem diversas espécies de amizade — primeiro, e no sentido próprio, a dos homens bons enquanto bons, e por analogia as outras espécies; pois é em virtude de algo bom e algo semelhante ao que é encontrado na verdadeira amizade que eles são amigos, já que até o agradável é bom para os que amam o prazer. Mas essas duas espécies de amizade não se juntam com frequência, nem as mesmas pessoas se tornam amigas, tendo em vista a utilidade e o prazer; porquanto as coisas que só acidentalmente se relacionam umas com as outras não andam muitas vezes juntas<sup>54</sup>.

No que se refere à citação acima, pode-se observar a relação entre os tipos de amizade, o relacionamento por utilitarismo e prazer, tem o amigo como um meio para se satisfazer e não tem como finalidade o bem do amigo. A amizade (*philía*) que está fundamentada na virtude (*areté*) se dá a partir do que o amigo é, e não o que ele tem a oferecer, como é o caso das demais espécies de amizades, que os amigos não se relacionam tomando como base o sentido absoluto e verdadeiro da palavra "amigo" (*φίλος*). O filósofo continua com a sua explicação:

<sup>53</sup> EN VIII, 4 1157a 20, p. 168.

<sup>54</sup> EN VIII, 4 1157a 25-35, p. 168-169.

Dividindo-se, pois, a amizade nestas espécies, os maus serão amigos com vistas na utilidade ou no prazer, e a esse respeito se assemelharão um ao outro; mas os bons serão amigos por eles mesmos, isto é, em razão da sua bondade. Esses, pois, são amigos no sentido absoluto do termo, e os outros o são acidentalmente e por uma semelhança com os primeiros<sup>55</sup>.

É importante observar que diferente das outras espécies de amizade, os amigos virtuosos mesmo com a distância, permanecerão sendo amigos, como expõe o Estagirita:

A distância não rompe a amizade em absoluto, mas apenas a sua atividade. Todavia, se a ausência dura muito tempo, parece realmente fazer com que os homens esqueçam a sua amizade; daí o provérbio "longe dos olhos, longe do coração"<sup>56</sup>.

Aristóteles continua seu discurso evidenciando que até aquele que se considera mais feliz necessita de um amigo, uma vez que a solidão não seria algo característico deles, mas o convívio:

Porquanto nada é mais característico dos amigos do que o convívio; e, embora sejam os que sofrem necessidade que desejam benefícios, mesmo os que são sumamente felizes desejam passar os dias juntos; e é justamente a esses que menos agrada a solidão<sup>57</sup>.

Essa convivência fraterna entre amigos que se torna necessária, seria impossível se os amigos não fossem agradáveis mutuamente como o próprio filósofo expõe: "mas as pessoas não podem conviver se não são agradáveis umas às outras e não se deleitam com as mesmas coisas, como parecem fazer os amigos que são também companheiros"<sup>58</sup>. O Estagirita afirma mais uma vez que "a verdadeira amizade é, pois, a dos bons, como tantas vezes dissemos"<sup>59</sup>, pois:

Efetivamente, o que é bom ou agradável no sentido absoluto do termo parece estimável e desejável, e a cada um se afigura ser o que é bom e agradável para ele; e por ambas essas razões o homem bom é estimável e desejável para o homem bom<sup>60</sup>.

Aristóteles, continua os seus escritos sobre amizade e faz uma distinção de amor (*eros*) e amizade (*philia*):

<sup>55</sup> EN VIII, 4 1157b, p. 169.

<sup>56</sup> EN VIII, 5 1157b 10, p.169.

<sup>57</sup> EN VIII, 5 1157b 20, p.170.

<sup>58</sup> EN VIII, 5 1157b 20, p.170.

<sup>59</sup> EN VIII, 5 1157b 25, p.170.

<sup>60</sup> EN VIII, 5 1157b 25-30, p. 170.

[...] o amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter, porque se pode sentir amor mesmo pelas coisas inanimadas, mas o amor mútuo envolve escolha, e a escolha procede de uma disposição de caráter<sup>61</sup>.

A amizade exige igualdade da parte dos amigos, que seria algo característico da relação entre os homens bons: “[...] se diz que amizade é igualdade, e ambas são encontradas mais comumente na amizade dos bons”<sup>62</sup>. Na amizade entre os virtuosos não se encontram vícios, tendo em vista que, ambos os amigos compartilham a bondade entre si.

Existem pessoas que têm dificuldade de fazer amizades, e outros que tem mais facilidade. Aristóteles, através dos seus estudos, explica como isso se dá e exemplifica:

Entre pessoas idosas e acrimoniosas é menos fácil formar-se amizade, porquanto tais pessoas são menos bem-humoradas e se comprazem menos na companhia umas das outras; e estas são consideradas as maiores marcas de amizade e as que mais contribuem para produzi-la. É por isso que, enquanto os jovens são rápidos em fazer amizades, o mesmo não se dá com os velhos: os homens não se tornam amigos daqueles em cuja companhia não se comprazem. E, da mesma forma, também as pessoas acrimoniosas não se tornam amigas facilmente. Mas tais homens podem sentir benevolência uns pelos outros, desejando-se bem e ajudando-se quando um precisa do outro. Mal se pode dizer, no entanto, que sejam amigos, porque não passam os dias juntos nem se deleitam na companhia um do outro; e estas são consideradas as maiores marcas da amizade<sup>63</sup>.

Outra característica importante é a relação entre amar e ser amado. Os amigos, amando mutuamente teriam os laços de amizade que seriam duradouros e resistiriam ao tempo. Amar de forma justa e equilibrada na qual possibilita um bom relacionamento de amizade. Com isso, segue as palavras do Estagirita:

E assim, como a amizade depende mais do amar que do ser amado, e são os que amam os seus amigos que são louvados, o amar parece ser a virtude característica dos amigos, de modo que só aqueles que amam na medida justa são amigos duradouros, e só a amizade desses resiste ao tempo<sup>64</sup>.

Um elemento que não poderia ser esquecido é a relação que o filósofo estabelece entre igualdade, semelhança e amizade. Aristóteles, partindo desse

---

<sup>61</sup> EN VIII, 5 1157b 30, p. 170.

<sup>62</sup> EN VIII, 5 1157b 35, p. 170.

<sup>63</sup> EN VIII, 6 1158a 5, p. 170-171.

<sup>64</sup> EN VIII, 8 1159a 35, p. 174.

pressuposto, afirma que “a igualdade, que é indubitavelmente uma característica da amizade”<sup>65</sup>. Os amigos não fariam maldades entre si, mas pelo contrário, por serem virtuosos, fariam somente o bem, prevenindo a ocorrência do mal na relação da amizade como sendo perfeita. Posto isto:

[...] igualdade e semelhança são amizade, e especialmente a semelhança dos que são afins pela virtude. Com efeito, sendo constantes por natureza, eles mantêm-se fiéis um ao outro e não solicitam nem prestam serviços baixos, mas pode-se dizer que até previnem tais ocorrências, pois é característico dos homens bons não fazer o mal eles próprios, nem permitir que seus amigos o façam. Os maus, porém, não têm constância, visto que nem sequer a si mesmos se mantêm semelhantes, mas são amigos durante breve tempo, por se deleitarem na maldade um do outro. As amizades úteis ou agradáveis duram mais, isto é, subsistem enquanto os amigos proporcionam prazeres ou vantagens um ao outro<sup>66</sup>.

A amizade (*φιλία*), como sendo uma virtude (*αρετή*), deve ser almejada pelo homem, uma vez que, o permite chegar à perfeição, através da reciprocidade nas boas ações, por isso, “nas amizades que se baseiam na virtude, por outro lado, não surgem queixas, mas o propósito do benfeitor é uma espécie de medida; pois no propósito reside o elemento essencial da virtude e do caráter”<sup>67</sup>. Assim, um amigo é agradável ao outro, de forma que não teria do que se queixar.

Na concepção de Aristóteles, “[...] os amigos têm tudo em comum é a expressão da verdade, pois a amizade depende da comunhão de bens”<sup>68</sup>. Porém, o amigo perfeito não seria fácil de ser encontrado, e também, o homem não poderia ser amigo de muitos. O filósofo dá continuidade com seu argumento, mostrando que nas amizades comuns não se exigiria muito tempo para os amigos se familiarizarem. Veja o que Aristóteles diz:

Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de ter com elas uma amizade perfeita, assim como não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo (pois o amor é, de certo modo um excesso de sentimento e está na sua natureza dirigir-se a uma pessoa só); e não sucede facilmente que muitas pessoas, ao mesmo tempo, agradem muito a um indivíduo só, ou mesmo, talvez, que pareçam boas aos seus olhos. É preciso, por outro lado, adquirir alguma experiência da outra pessoa e familiarizar-se com ela, e isso custa muito trabalho, mas com vistas na utilidade

<sup>65</sup> EN VIII, 7 1158b 25, p. 172.

<sup>66</sup> EN VIII, 8 1159b 5-10, p. 174.

<sup>67</sup> EN VIII, 13 1163a 35 20, p. 184.

<sup>68</sup> EN VIII, 9 1159b 30, p. 175.

ou no prazer, é possível que muitas pessoas agradem a uma só, pois muitas pessoas são úteis ou agradáveis, e tais serviços não exigem muito tempo<sup>69</sup>.

Em relação a essa argumentação, Nadir Antônio escreveu, que quando Aristóteles fala sobre a quantidade de amigos, estaria iniciando sua análise partindo de um pressuposto da tradição abordada por Hesíodo, expresso na seguinte frase: “não ser homem de muitos convidados, nem de homem nenhum”. Continua dizendo, que o filósofo para solucionar esse problema, recorre ao meio-termo (*mesotes*) e, principalmente, ao estudo de “ser ético”, no qual propõe nem excesso nem falta. Assim, dentre a espécie de amigos bons e virtuosos, somente alguns são necessários e possíveis, devido à nossa condição humana de convívio<sup>70</sup>.

Após analisar esses aspectos sobre a concepção de amizade (*philia*) e suas características para Aristóteles, observa-se que, através das três definições de amizade, prevalece como sendo verdadeira e perfeita, somente a virtuosa. Pois nela, os homens são bons e visam ao bem mútuo, embora não seja fácil de encontrar amigos perfeitos por aí. A partir desse pressuposto, o Estagirita esclarece que as amizades utilitaristas e prazerosas são passageiras e que não duram muito tempo.

Com base na concepção de amizade que Aristóteles descreve na sua *Ética*, Michel de Montaigne se utiliza dos estudos do Estagirita como uma das suas referências para fazer sua argumentação sobre o relacionamento de amizade. No capítulo seguinte, pode-se aprofundar os estudos, baseando-se na concepção de amizade, que o humanista moderno apresenta como sendo um ponto de perfeição.

---

<sup>69</sup> EN VIII, 6 1158a 10-15, p. 171.

<sup>70</sup> Cf. PICHLER, Nadir Antônio. As três formas de amizade na ética de Aristóteles. **Ágora Filosófica**, Pernambuco, ano 4, n.2, p. 193-207, jul./dez. 2004, p. 198. Disponível em: <<https://As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&oq=As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&gs>>. Acesso em: 4 de maio 2018.

## 2 O CONCEITO DE AMIZADE SEGUNDO MONTAIGNE

Após uma abordagem introdutória da concepção de *philia* em Aristóteles, um dos filósofos em que Michel de Montaigne<sup>71</sup> se inspirou para construir seu pensamento sobre a amizade (*amitié*), neste capítulo analisar-se-á a amizade como ponto de perfeição, na qual é uma virtude (*vertu*), segundo o humanista moderno. Em seu livro *Ensaaios* (*Essais*) no capítulo XXVIII, o ensaísta dedica-se a escrever sobre a experiência de amizade e a oportunidade que teve de compartilhar com o seu grande amigo Étienne de La Boétie<sup>72</sup>. Étienne foi um irmão para o pensador francês, assumindo assim, uma postura exemplar na elaboração dos escritos do humanista<sup>73</sup>, que sofrera bastante com a sua morte ao ponto de se isolar em seu Castelo<sup>74</sup> em estado de melancolia.

Montaigne foi o primeiro a escrever o gênero literário conhecido como “*Essais*”<sup>75</sup>. Ensaiar, segundo o filósofo, é uma forma de lembrar o que já foi vivido. Nelson Maria em seus escritos, afirma que o ensaio permite o encontro de Montaigne com sua humanidade. Ensaiar, não sugere simplesmente um estilo literário ao redor da amizade. Deste modo, ensaiar significa como acontecer, ser consciente, que flui na experiência de registrar no papel a experiência da

---

<sup>71</sup> Michel de Montaigne (1533-1592) foi um filósofo, político, jurista, escritor, fideísta e humanista francês. O ensaísta pertence a nobre família Eyquem. Foi influenciado por diversas correntes filosóficas, sobretudo pelo humanismo renascentista. O filósofo humanista escreveu apenas a obra denominada “*Essais*”. Dentre todas as dificuldades que Montaigne sofrera, um grande acontecimento marca o restante de sua vida, o relacionamento de amizade com Étienne de La Boétie, que ocorre em 1559 e se estende até a morte do amigo em 1563. Montaigne, não é um moralista, nem um doutrinador, contudo, é um pensador ético, pois procura indagar o que está certo ou errado na conduta humana. O ensaísta é assim um livre pensador, um pensador sobre o humano, sobre as suas inconsistências, diversidades, características, que se dedica aos temas que mais lhe apeteçam.

<sup>72</sup> Étienne de La Boétie foi um humanista e filósofo francês, contemporâneo e amigo de Michel de Montaigne (este que em seus “*Essais De l’amitié*” faz uma homenagem a La Boétie). Poucos anos antes de morrer, aos 32 anos, Étienne de La Boétie deixou em testamento seus escritos a Montaigne, o qual, mais tarde, destacou os méritos nos *Ensaaios* e em várias cartas, apontando este autor como um importante homem daquele século.

<sup>73</sup> Montaigne se refere ao amigo nos *Ensaaios* como forma de deixar gravada eternamente a sua célebre amizade.

<sup>74</sup> O castelo de Montaigne (*Château de Montaigne*) está localizado em *Saint-Michel-de-Montaigne*, no departamento de Dordogne, região Arquitânia, no sudoeste da França. Situado entre Libourne e Bergerac, é um castelo do XIV, que foi concluída no século XIX. Era a residência do filósofo Michel de Montaigne, o fundador dos ensaios. Montaigne escreveu todos os *Ensaaios* em seu castelo.

<sup>75</sup> A obra “*Ensaio*” é uma tentativa de Montaigne de aprender sobre si mesmo, tendo em vista que a sua filosofia é um relato autobiográfico, como afirmou: “Eu sou eu mesmo o tema do meu livro”. A proposta do escritor era mais questionadora e crítica do que estabelecer teses científicas. O humanista francês, não tinha um sistema.

amizade. O ensaio adquire uma forma de memória, ou até mesmo, consciência de não perder a amizade de vista. Por isso, ensaiar compreende registrar no tempo que corre incessantemente a amizade<sup>76</sup>.

Segundo Junior Cesar, no entendimento de Montaigne, a amizade é uma experiência e não simplesmente um conceito. Mais que isso, a amizade seria um afeto incomensurável, porque é uma virtude que o homem pode aspirar. O autor continua dizendo que, para o humanista, a amizade é o local de um encontro de si, pois a identidade do eu é afirmada por meio dela. A amizade é o lugar da experiência de si, ou seja, não é na solidão ou na pura volta de si, que Montaigne encontra na solidez de uma vida verdadeira, a real existência marcada pela alteridade, ficará sempre que o outro é constitutivo da identidade do eu<sup>77</sup>. Portanto, o amigo é a base fundamental para o encontro pessoal consigo. A partir do contato com o outro, o homem conhece a si mesmo.

## 2.1 Da amizade vivida

João de Azevedo em seus estudos sobre *amitié* (amizade) baseando-se em Montaigne, explica que a amizade ocupa um lugar central tanto na vida, quanto na obra do humanista. Esclarece assim, que a concepção montaigneana da amizade é inseparável da memória de La Boétie, na qual a amizade tem uma função exemplar, pois os amigos servem um ao outro como espelho de virtude<sup>78</sup>.

Montaigne inicia os seus escritos fazendo uma metáfora da figura do pintor como forma de manter viva as suas experiências de amizade com seu amigo La Boétie:

Contemplando o trabalho de um pintor que tinha em casa, tive vontade de ver como procedia. Escolheu primeiro o melhor lugar no centro de cada parede para pintar um tema com toda a habilidade de que era capaz. Em seguida encheu os vazios em

---

<sup>76</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 16. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>77</sup> Cf. LUNA, Junior Cesar. **O problema da amizade nos Ensaios de Montaigne: sobre “Da Amizade”** (I,28). 2016. 106f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2016. Disponível em: <[http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3071/2/Junior\\_C\\_Luna\\_2016.pdf](http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3071/2/Junior_C_Luna_2016.pdf)>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>78</sup> Cf. AZEVEDO, João de; DUARTE, Dias. A amizade em Montaigne: transformações na experiência da pessoa no século XVI. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: ANPUH, 2009, p. 3. Disponível em: <<https://anais.anpuh.org/?p=17964>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

volta com arabescos, pinturas fantasias que só agradam pela variedade e originalidade. O mesmo ocorre neste livro, composto unicamente de assuntos estranhos, fora do que se vê comumente, formado de pedaços juntados sem caráter definido, sem ordem, sem lógica e que só adaptam por acaso uns aos outros<sup>79</sup>.

Partindo desse pressuposto, Nelson Maria afirma que, nesse sentido, trata-se de mostrar que a amizade faz com que o homem seja “pintado”, ou melhor, descrito pelo olhar do outro, tornando-se um espelho, o qual o leva à identificação consigo mesmo. Assim, percebe-se a passagem do pintor à amizade e à pintura através da vertente de perscrutar acerca daquilo que consiste o homem por meio da amizade<sup>80</sup>. Pode-se reportar ao pensamento de Cícero quando argumenta em sua obra, *Diálogo sobre a Amizade*, em relação ao amigo, como sendo um espelho dizendo que: “Porque o verdadeiro amigo vê o outro como uma imagem de si mesmo”<sup>81</sup>. Os amigos se assemelham ao ponto de se enxergarem um no outro.

Carlos Eduardo, por sua vez, alude que Montaigne descreve a amizade como um pintor que não pinta o ser, mas pinta a passagem, na qual representa cada instante sem que nada se perca. Desta maneira, o filósofo faz presente a amizade no tempo. Os ensaios sobre a amizade são, portanto, quadros do vivido, que podem ser perdidos com o tempo através do esquecimento. Ensaiar é manter vivo o laço amistoso da amizade<sup>82</sup>. Deste modo, por meio do ensaio pode-se recordar das experiências vividas no passado. Diante disso, lembra-se do que Cícero afirmou em sua obra: “Tal é a honra, o desejo, a memória que sempre os

---

<sup>79</sup> “Considerant la conduite de la besongne d'un peintre que j'ay, il m'a pris envie de l'ensuivre. Il choisit le plus bel endroit et milieu de chaque paroy, pour y loger un tableau élaboré de toute sa suffisance; et, le vuide tout au tour, il le remplit de crotresques, qui sont peintures fantasques, n'ayans grâce qu'en la varieté et estrangeté. Que sont-ce icy aussi, à la verité, que crotresques et corps monstrueux, rappiecez de divers membres, sans certaine figure, n'ayants ordre, suite ny proportion que fortuité?”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 192; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 95, tradução de Sérgio Milliet. (As citações dos *Ensaio* (*Essais*) de Montaigne serão, no decorrer dessa pesquisa, sempre feitas a partir da edição francesa Bibliothèque de la Pléiade de 1937, acompanhada da tradução de Sérgio Milliet da coleção *Os Pensadores* de 1972).

<sup>80</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>81</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p.16. Disponível em: <<http://elivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>82</sup> Cf. RODRIGUES, Carlos Eduardo de Lima. Da Amizade em Montaigne. **Filogenese**, Marília, v.4, n.2, p. 14- 20, 2011, p. 14. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/369662631/Carlos-Eduardo-de-Lima-Rodrigues>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

acompanha dos seus amigos”<sup>83</sup>. Com isso, percebe-se que as experiências vividas no passado com os amigos verdadeiros, podem ser recordadas em honra à saudosa lembrança.

Montaigne em seus estudos sobre a amizade esclarece que o *Ensaio* redigido por La Boétie, o discurso “*La Servitude Volontaire*”<sup>84</sup>, foi o ponto de partida desta amizade que durou o quanto Deus permitiu. Ressalta que são diversas as circunstâncias necessárias para que esse sentimento se edifique. Com isso, percebe-se também que o *Ensaio* possui uma argumentação sólida:

Meu talento não vai tão longe, e não ousou empreender uma obra rica, polida e constituída em obediência às regras da arte. Eis por que me veio a ideia tomar de empréstimo à Etienne de La Boétie algo que honrará, em suma, o restante. É um ensaio a que deu o título de “*Servidão Voluntária*”, mas que outros, ignorando-o, batizaram mais tarde, e com razão, “*Contra Um*” [...] Há muito circula esse ensaio em mãos de gente séria, entre a qual goza de grande e merecida reputação tão sólida quanto possível<sup>85</sup>.

O ensaísta continua o seu discurso mostrando o carinho que tinha por La Boétie, que assume uma postura exemplar na construção dos poemas dirigidos por Montaigne. Assim, o humanista sente a necessidade de homenagear esse grande amigo após a sua morte, tendo em vista que La Boétie deixou a sua biblioteca e seus escritos para o amigo filósofo. Com isso, Montaigne argumenta:

Eis tudo o que, além do catálogo das obras que possuía e que publiquei, pude recolher – eu a quem, por afetuosa atenção, ao render o último suspiro, entregou sua biblioteca e seus papéis. Por

<sup>83</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p.16. Disponível em: <<http://elivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>84</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 193. O *Discurso da Servidão Voluntária*, é um discurso de autoria de Étienne de La Boétie, publicado originalmente após sua morte em 1563. O texto foi elaborado depois da derrota do povo francês contra o exército e fiscais do rei, que estabeleceram um novo imposto sobre o sal. A obra se mostra como uma espécie de hino à liberdade, com questionamentos sobre as causas da dominação de muitos por poucos, da indignação da opressão e das formas como vence-las.

<sup>85</sup> “[...] car ma suffisance ne va pas si avant que d'oser entreprendre un tableau riche, poly et formé selon l'art. Je me suis advisé d'en emprunter un d'Estienne de la Boitie, qui honorera tout le reste de cette besongne. C'est un discours auquel il donna nom La Servitude Volontaire; mais ceux qui l'ont ignoré, l'ont bien proprement depuis rebaptisé Le Contre Un. [...] Il court pieça és mains des gens d'entendement, non sans bien grande et méritée recommandation: car il est gentil, et plein ce qu'il est possible”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 192-193; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 95, tradução de Sérgio Milliet.

isso sou muito apegado a esse ensaio, tanto mais quanto foi o ponto de partida de nossas relações<sup>86</sup>.

Após demonstrar a importância do seu amigo, Montaigne expõe que a relação de amizade entre eles não durou por muito tempo, mas, nota-se que foi um período no qual puderam viver com muita intensidade, e que amizade assim como a deles seria muito rara de se encontrar, tendo em vista que é uma amizade que se dá entre os semelhantes na virtude. Posto isto, o humanista escreve:

Fora-me comunicado muito antes que conhecesse o autor cujo nome só então me foi revelado, e assim se preparou essa amizade que nos uniu e durou quanto Deus o permitiu, tão inteira e completa que por certo não se encontrará igual entre os homens de nosso tempo. Tantas circunstâncias se fazem necessárias para que esse sentimento se edifique, que já é muito vê-lo uma vez cada três séculos<sup>87</sup>.

Portanto, constata-se que o filósofo vivenciou uma amizade verdadeira e muito intensa com La Boétie, mesmo que essa amizade não tenha durado por muito tempo. Baseando-se nessa citação do humanista, Nelson Maria argumenta que:

Quando Montaigne se refere ao amigo La Boétie, afirma que ele e seu amigo se procuravam antes mesmo de se terem visto, de modo que nascia neles uma afeição. E mais: uma amizade desproporcional àquilo que é relatado. Assim, ele compara a afeição por seu amigo com um decreto de Previdência [...]<sup>88</sup>.

Em Montaigne, segundo Nelson Maria, nota-se a sua preocupação em mencionar o amigo para lutar contra o tempo e torná-lo vivo e eterno por intermédio da literatura. Entretanto, viver é morrer e vice-versa. A escrita

---

<sup>86</sup> “C'est tout ce que j'ay peu recouvrer de ses reliques, moy qu'il laissa, d'une si amoureuse recommandation, la mort entre les dents, par son testament, héritier de sa Bibliothèque et de ses papiers, outre le livret de ses œuvres que j'ay fait mettre en lumiere: Et si suis obligé particulièrement à cette piece, d'autant qu'elle a servy de moyen à nostre premiere accointance”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 193; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 96, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>87</sup> “Car elle me fut montrée longue piece avant que je l'eusse veu, et me donna la premiere connaissance de son nom, acheminant ainsi cette amitié que nous avons nourrie, tant que Dieu a voulu, entre nous, si entière et si parfaite, que certainement il ne s'en lit guiere de pareilles, et, entre nos-hommes, il ne s'en voit aucune trace en usage. Il faut tant de rencontres à la bastir, que c'est beaucoup si la fortune y arrive une fois en trois siecles”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 193; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 96, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>88</sup> SILVA, Nelson Maria Brechó da. A Amizade Equitativa e Indivisível em Montaigne. **Contemplação**, Marília, n.1, p. 3-17, 2010, p. 4. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/3/4>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

ultrapassa as barreiras da morte, porque, uma vez registrada, poderá ser vista e vivenciada por outros que desejam usufruir a experiência da amizade<sup>89</sup>.

## 2.2 As amizades comuns

Montaigne dissertou também a respeito das amizades comuns que são menos perfeitas. Dentre essas espécies de amizade, pode-se citar as que nascem dos sentimentos da satisfação de prazer, das vantagens ou associações formadas tendo como fim, os interesses públicos ou privados. Como já foi citado no capítulo anterior, esse tipo de amizade não tem o amigo como fim, mas como meio para se satisfazer, visando o benefício próprio. Segue a argumentação do ensaísta:

Em geral sentimentos a que damos o nome de amizade, nascidos da satisfação de nossos prazeres, das vantagens que usufruímos, ou de associações formadas em vista de interesses públicos ou privados, são menos belos, menos generosos, e participam tanto menos da amizade, a qual tem outras causas, visa outros fins. Essas afeições, que se classificavam outrora em quatro categorias, segundo fossem ditadas pela natureza, a sociedade, a hospitalidade ou as exigências dos sentidos, nem em conjunto nem isoladamente atingem o ideal<sup>90</sup>.

Em consequência, Carlos Eduardo afirma que Montaigne, aponta a amizade não como uma forma de satisfação de interesses como a sociedade atual apresenta, mas como ponto de perfeição. O autor continua sua análise dizendo que o pensador moderno quer transmitir a forma como a sociedade vê a amizade, tendo em vista que, na sua grande maioria seriam meros interesses<sup>91</sup>. Cícero também, partindo do pressuposto de que a amizade vai além da utilidade, afirmou que: “O que nos agrada não é a utilidade oferecida pelo nosso amigo, mas sim, o

---

<sup>89</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 25. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>90</sup> “Car en général, toutes celles que la volupté ou le profit, le besoin publique ou privé forge et nourrit, en sont d'autant moins belles et genereuses, et d'autant moins amitez, qu'elles meslent autre cause et but et fruit en l'amitié, qu'elle mesme. Ny ces quatre especes anciennes: naturelle, sociale, hospitaliere, venerienne, particulièrement n'y conviennent, ny conjointement”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 194; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 96, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>91</sup> Cf. RODRIGUES, Carlos Eduardo de Lima. Da Amizade em Montaigne. **Filogenese**, Marília, v.4, n.2, p. 14-20, 2011, p. 14. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/369662631/Carlos-Eduardo-de-Lima-Rodrigues>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

carinho desse amigo; e tudo o que nos for oferecido por ele, nos será agradável, contanto que transpareça a dedicação”<sup>92</sup>.

Sendo assim, percebe-se que o utilitarismo é um problema já existente desde a filosofia grega como foi analisado no capítulo anterior, analisado por Aristóteles na *Ética a Nicômaco*. Deve-se expor aqui a relação de semelhança entre os escritos sobre a amizade em Montaigne e Aristóteles. A amizade teria outros fins, aproveitando da necessidade de um amigo, em outros termos, usufruindo do maior sentimento que pode existir, ponto de “[...] perfeição na sociedade”<sup>93</sup>.

Também partindo desse pensamento, João Cassiano escreve dizendo que: “Existem muitos tipos de ligações e amizades entre os homens, como diversos são os modos pelos quais, por dileção, eles se associam”<sup>94</sup>. O autor continua mostrando um pouco das causas dessas associações:

Alguns tomaram-se de afeto por ocasião de uma convenção ou contrato que pressupunha dar e receber. Outros ataram vínculos de amizade devido à semelhança e a mútua participação que os unia, fosse em negócios, fosse no serviço militar, fosse ainda na profissão ou no trabalho<sup>95</sup>.

Baseando-se nessa ideia de amizades comuns e suas causas, Nelson Maria por sua vez, afirma que o ensaísta não toma como protótipo as amizades banais e moles, porque seriam fúteis e transitórias. O autor dá continuidade com seus estudos, argumentando que talvez essas amizades, embora Montaigne não afirme, contêm elementos da tirania como por exemplo, a desigualdade e a injustiça. Vale dizer também, que a frequência dessas espécies de amizades é de menos intensidade do que a amizade virtuosa. A frequência delas é marcada pelo sentimento imediato e utilitário<sup>96</sup>.

---

<sup>92</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 28. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>93</sup> “[...] point de sa perfection est cetuy-cy”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 194; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 96, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>94</sup> CASSIANO, João. **Conferências 16 a 24**. Tradução Leonardo Fróes. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2008, p. 14.

<sup>95</sup> CASSIANO, João. **Conferências 16 a 24**. Tradução Leonardo Fróes. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2008, p. 14.

<sup>96</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. A Amizade Equitativa e Indivisível em Montaigne. **Contemplação**, Marília, n.1, p. 3-17, 2010, p. 4. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/3/4>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

No que se refere à relação entre os tiranos, Cícero assim como Aristóteles e Montaigne, não acreditava na possibilidade de existir uma amizade da espécie virtuosa entre os tiranos sendo que: “Tal é a vida dos tiranos, na qual não pode haver segurança, nem carinho, nem confiança numa afeição durável, onde tudo é inquietação e dúvida, onde nem há lugar para a amizade”<sup>97</sup>. Contudo, pode-se afirmar que essa é uma espécie de amizade fácil de se dissolver, quando o que lhes é útil, não lhes satisfazem, acaba o motivo da amizade, fica sem o seu sentido que é a utilidade. Nota-se, que o humanista está em perfeita harmonia com Cícero, quando afirma que:

Por que se fosse o interesse que unisse as amizades, quando viesse a faltar, desfá-las-ia. Mas, porque não se pode trocar a natureza, por isso são eternas as verdadeiras amizades. E fica explicado com isto a origem da amizade, se não quereis outra coisa<sup>98</sup>.

As amizades comuns, segundo Montaigne, não podem ser colocadas no mesmo plano que a amizade perfeita (*amitié parfaite*), tendo em vista que, essa espécie de amizade é algo raro de se encontrar. Eis o que diz o próprio filósofo em seus escritos: “Não se ponham no mesmo plano as amizades comuns; conheço-as tão bem quanto qualquer outro e algumas das mais perfeitas do gênero, mas seria um erro confundir-lhes as regras”<sup>99</sup>.

Partindo dessa citação, Nelson Maria faz sua análise dizendo que o humanista conhece as amizades tão bem e chega a considerar algumas delas como mais perfeitas no gênero da amizade. No entanto, as amizades comuns não se submetem ao mesmo nível de amizade, a qual o ensaísta se refere, porque as regras das amizades menos perfeitas tomam outra direção, como por exemplo: bem particular ou privado, utilitarismo, bem familiar; diferentemente da amizade definida por Montaigne como amor recíproco, isto é, bem querer mútuo. Na

---

<sup>97</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 28. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>98</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 29-20. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>99</sup> “Qu'on ne me mette pas en ce rang ces autres amitez communes: j'en ay autant de connoissance qu'un autre, et des plus parfaites de leur genre, mais je ne conseille pas qu'on confonde leurs regles: on s'y tromperoit”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 199; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 99, tradução de Sérgio Milliet.

amizade perfeita (*amicitia perfecta*), não existe uma negação da individualidade, mas sim, daquilo que seja, de fato, privado<sup>100</sup>. Pois, os amigos assemelham-se nos gostos e em suas decisões.

Montaigne dá continuidade com suas reflexões dizendo que nas amizades comuns sempre haverá uma certa desconfiança por parte dos amigos, visto que, o amigo terá que segurar as rédeas sempre, e caminhar com prudência, pois não é um tipo de amizade que seja sólida. Sendo assim, as amizades comuns se sustentam no utilitarismo, favores, interesses, e podem levar ao isolamento de si, à negação do outro. Essas amizades se dão em um clima de desconfiança, de receio da parte dos amigos, não é uma espécie de amizade que edifica os seus membros. Partindo dessa ideia, veja como o humanista se posiciona sobre isso:

Nessas outras amizades há sempre que segurar as rédeas e caminhar com prudência; o nó da união não é de tal solidez que não se deva desconfiar dele. “Amai”, dizia Quílon, “como se tivésseis um dia que odiar, odiai como se tivésseis de amar.” Este princípio, abominável no caso de uma amizade exclusiva que nos possua por inteiro, é salutar quando se trata dessas amizades verificável no curso habitual da existência e as quais se aplicam estas palavras de Aristóteles: “Ó meus amigos, um amigo é coisa que não existe”<sup>101</sup>.

Nessa passagem, Montaigne cita Cícero, no qual o filósofo narra um pensamento de Quílon a respeito de amar, como se pudesse vir a odiar. Nelson Maria afirma que amar e odiar são sentimentos extremos: o primeiro faz com que o indivíduo se una ao outro até se fundirem numa coisa só; o segundo, pelo contrário, conduz ao ódio, à aversão ao outro, que pode ser até mesmo recíproco, no caso de inimigos. Tais sentimentos seriam o que de fato, compõem a vida. Uma vida marcada pela insegurança e incerteza, mas que não deixa Montaigne cair num repouso e sim, no exercício de se conhecer constantemente, pois o autoconhecimento acontece pela via da cautela e da prudência. De acordo com

<sup>100</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. A Amizade Equitativa e Indivisível em Montaigne. **Contemplação**, Marília, n.1, p. 3-17, 2010, p. 5. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/3/4>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>101</sup> “Il faut marcher en ces autres amitié la bride à la main, avec prudence et precaution; la liaison n'est pas nouée en maniere, qu'on n'ait aucunement à s'en deffier. Aymés le (disoit Chilon) comme ayant quelque jour à le haïr; haïssez le, comme ayant à l'aymer. Ce precepte qui est si abominable en cette souveraine et maïstresse amitié, il est salubre en l'usage des amitié ordinaires et coustumières, à l'endroit desquelles il faut employer le mot qu'Aristote avoit tres-familier: O mes amis, il n'y a nul amy”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 199; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 99, tradução de Sérgio Milliet.

Montaigne, essas amizades verificáveis no cotidiano da existência servem como advertência à pessoa que aspira formar a amizade soberana e mestra<sup>102</sup>, ou seja, uma amizade constante, que não se abale por nada.

### 2.3 Amizade entre familiares

Montaigne em seus *Ensaio sobre a amizade*, argumenta a impossibilidade de existir uma amizade perfeita no seio familiar, tendo em vista que, nas relações entre pai e filho, é o respeito que predomina. Na amizade entre familiares, não se pode encontrar as características de uma amizade virtuosa, considerando que uma das funções do amigo é a correção fraterna, censura que devem ser feitas de forma recíproca. Os filhos não podem censurar os pais por conta do respeito. Com isso, o filósofo argumenta:

Nas relações entre pai e filhos é mais o respeito que domina. A amizade nutre-se de comunicação, a qual não pode estabelecer-se nesse domínio em virtude de grande diferença que entre eles existe, de todos os pontos de vista; e esse intercâmbio de ideias e emoções poderia por vezes chocar os deveres recíprocos que a natureza lhes impôs, pois, se todos os pensamentos íntimos dos pais se comunicassem aos filhos, ocorreriam entre eles familiaridades inconvenientes. Mais ainda: não podem os filhos dar conselhos e ou formular censuras a seus pais, o que é, entretanto, uma das primeiras obrigações da amizade<sup>103</sup>.

Carlos Eduardo em seus estudos sobre Montaigne, comenta essa citação mostrando que a amizade entre pais e filhos é um elemento muito importante, tendo em vista que essa relação ultrapassa vários limites, porém, é uma amizade utópica, levando em consideração que, o respeito sobressai dos filhos para os pais, impedindo assim uma das exigências importantes da amizade, que é a correção entre os amigos<sup>104</sup>.

<sup>102</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. A Amizade Equitativa e Indivisível em Montaigne. **Contemplação**, Marília, n.1, p. 3-17, 2010, p. 10. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/3/4>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>103</sup> “Des enfans aux peres, c'est plustost respect. L'amitié se nourrit de communication qui ne peut se trouver entre eux, pour la trop grande disparité, et offenceroit à l'adventure les devoirs de nature. Car ny toutes les secrettes pensées des peres ne se peuvent communiquer aux enfans pour n'y engendrer une messeante privauté, ny les advertissemens et corrections, qui est un des premiers offices d'amitié, ne se pourroyent exercer des enfans aux peres”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 194; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 97, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>104</sup> Cf. RODRIGUES, Carlos Eduardo de Lima. Da Amizade em Montaigne. **Filogenese**, Marília, v.4, n.2, p. 14-20, 2011, p. 14. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/369662631/Carlos-Eduardo-de-Lima-Rodrigues>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

Nos escritos de João Azevedo, observa-se que a verdadeira amizade, cuja causa, objetivo e fruto residem em si mesma, distingue-se, em primeiro lugar, da relação entre pais e filhos, na qual a excessiva desigualdade entre as partes impede uma correspondência plena. Diferencia-se também da relação entre irmãos, que podem ter a “obrigação natural” de imposição, não há nelas o elemento voluntário, ou seja, a “escolha e livre-arbítrio” presente na amizade<sup>105</sup>.

Montaigne, argumenta que um item importante para fortalecer a amizade da espécie perfeita seria a correspondência dos gostos, pois assim, ambos os amigos teriam gostos totalmente parecidos. Já na amizade entre pais e filhos, ou até mesmo entre irmãos, pode ser que tenham gostos totalmente diferentes e o relacionamento se dê por uma imposição, sendo assim, a vontade dos amigos não se exerce livremente, o que atrapalharia a constituição de uma amizade perfeita. Com isso, segue as palavras do próprio humanista:

[...] é a correspondência dos gostos que engendra essas verdadeiras e perfeitas amizades e não há razão para que ela se verifique, entre pai e filho, ou entre irmãos, os quais podem ter gostos totalmente diferentes. É meu filho, meu parente, mas isso não impede que se trate de um indivíduo pouco sociável, um mal, um tolo<sup>106</sup>.

Montaigne dissertou sobre a impossibilidade de existir uma amizade perfeita no seio familiar partindo da ideia que nas amizades que ocorrem imposição à lei, a vontade não está mais relacionada com a liberdade. O pensador ensaísta faz um breve esclarecimento expondo a harmonia que existiu entre os seus familiares, mas deixando bem claro que mesmo assim, defende a ideia de que não há possibilidade de existir uma relação de amizade perfeita entre familiares. Por isso, Montaigne mostra antes o bom relacionamento que teve com sua família, para que não pensem na possibilidade do filósofo defender a inexistência

---

<sup>105</sup> Cf. AZEVEDO, João de; DUARTE, Dias. A amizade em Montaigne: transformações na experiência da pessoa no século XVI. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: ANPUH, 2009, p. 3. Disponível em: <<https://anais.anpuh.org/?p=17964>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>106</sup> “D’avantage, la correspondance et relation qui engendre ces vrayes et parfaites amitez, pourquoy se trouvera elle en ceux cy? Le pere et le fils peuvent estre de complexion entierement eslongnée, et les freres aussi. C’est mon fils, c’est mon parent, mais c’est un homme farouche, un meschant ou un sot”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 194; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 96, tradução de Sérgio Milliet.

da verdadeira amizade entre pai e filho, por não ter tido um bom relacionamento com sua família. Partindo desse pensamento, prossegue a análise:

Nas amizades que nos impõem a lei e as obrigações naturais, nossa vontade não se exerce livremente; elas não resultam de uma escolha, e nada depende mais de nosso livre arbítrio que a amizade e a afeição. E não digo isso porque não tenha tido a oportunidade de conhecer o que de melhor pode haver como amizade familiar, porquanto meu pai foi o melhor dos pais, o mais indulgente, e assim permaneceu até a mais avançada velhice. Nossa família era reputada pela excelência das relações entre pais e filhos, e a concórdia entre irmãos era nela exemplar: “conhecido eu mesmo pelo amor paternal que dediquei a meus irmãos”<sup>107</sup>.

Segundo Carlos Eduardo, o humanista neste trecho mostra que as relações familiares podem ser grandes, tal como ele apresenta a sua, mas não ao ponto de chegar a uma livre comunicação. Uma vez que as amizades familiares são impostas, não conseguindo assim ultrapassar a dimensão do respeito<sup>108</sup>. Observa-se nessa passagem, que Montaigne considerava muito importante a questão do respeito dos filhos para com os pais, levando-o a afirmar que por conta do respeito das relações familiares não seria possível a constituição de uma amizade perfeita entre eles, tendo em vista que, a correção entre os amigos é essencial para a solidificação da amizade verdadeira, podendo assim, durar por muito tempo.

O ensaísta finaliza a sua análise sobre a relação entre familiares dizendo que, essas ligações são constituídas na base da oportunidade e do benefício próprio, não podendo assim, ser considerado um tipo de amizade verdadeira, ou nas palavras do filósofo: “Em suma, isso a que chamamos comumente amigo e

---

<sup>107</sup> “Et puis, à mesure que ce sont amitez que la loy et l'obligation naturelle nous commande, il y a d'autant moins de nostre choix et liberté volontaire. Et nostre liberté volontaire n'a point de production qui soit plus proprement sienne que celle de l'affection et amitié. Ce n'est pas que je n'aye essayé de ce costé là, tout ce qui en peut estre, ayant eu le meilleur pere qui fut onques, et le plus indulgent, jusques à son extreme vieillesse, et estant d'une famille fameuse de pere en fils, et exemplaire en cette partie de la concorde fraternelle, *et ipse Notus in fratres animi paterni*”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 194-195, grifo do autor; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 96, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>108</sup> Cf. RODRIGUES, Carlos Eduardo de Lima. Da Amizade em Montaigne. **Filogenese**, Marília, v.4, n.2, p. 16, 2011, p. 18. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/369662631/Carlos-Eduardo-de-Lima-Rodrigues>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

amizade não passam de ligações familiares, travadas ao sabor da oportunidade e do interesse e por meio das quais nossas almas se entretêm”<sup>109</sup>.

Com essa passagem, Montaigne conclui a sua argumentação sobre a impossibilidade da existência de uma amizade perfeita entre familiares. Percebe-se a grande importância com que o pensador humanista analisou o tema da amizade em seus *Ensaaios*. Teve um bom relacionamento com seus pais, mas mesmo assim, deixa claro em seus estudos, que no seio familiar não pode existir uma amizade perfeita.

## 2.4 Amizade perfeita

Partindo da experiência de amizade que Montaigne teve com seu amigo Étienne de La Boétie, o Humanista define essa amizade como sendo a perfeita, ou como diria Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, a amizade virtuosa. Como foi analisado no capítulo anterior, o Estagirita defendeu em seus estudos sobre *phília* que: “A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos”<sup>110</sup>. Não diferente de Aristóteles, Montaigne irá utilizar dessas mesmas características para dar a sua definição de amizade perfeita (*amitié parfaite*). Partindo dessa ideia, dos amigos serem os que se assemelham na virtude, Cícero argumenta que: “Mas em primeiro lugar sou de parecer que não pode haver amizade senão entre homens de bem, e isto não vamos desfiar muito, como costumam fazer os que discorrem sobre subtilezas”<sup>111</sup>.

O ensaísta em sua obra fez uma abordagem sobre quando o amor reveste as formas de amizade, mostrando assim as suas consequências nas relações entre os amigos, tendo em vista que:

Quando o amor reveste as formas de amizade, o que ocorre quando se estabelece uma concordância das vontades, ele se

---

<sup>109</sup> “Au demeurant, ce que nous appellons ordinairement amis et amitié ce ne sont qu'accointances et familiaritez nouées par quelque occasion ou commodité, par le moyen de laquelle nos ames s'entretiennent”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 197; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 98, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>110</sup> EN VIII, 3 1156b 5, p.167

<sup>111</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 13. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

esvai ou definha. O gozo apaga-o, porque seu objetivo é carnal, e a saciedade o extingue<sup>112</sup>.

Após fazer essa análise, o filósofo moderno expõe um contraposto diferenciando tal sentimento da amizade, argumentando que a amizade surge com o desejo e se amplia de acordo com a frequência, sendo assim de essência espiritual. Montaigne continua dizendo que, no que se refere a essas duas paixões, ele havia experimentado sem esconder uma da outra, sem que houvesse competição entre elas:

A amizade, ao contrário, cresce com o desejo que dela temos; eleva-se, desenvolve-se e se amplia na frequência, porque é de essência espiritual e a sua prática apura a alma. Juntamente com essa perfeita amizade, conheci outrora essas afeições passageiras acerca das quais não falarei porquanto as descrevem demasiado bem estes versos. Estas duas paixões, eu as experimentei simultaneamente, sem as esconder uma da outra, mas sem que jamais tampouco houvesse competição entre elas: cheia de nobreza, manteve-se sempre a primeira nas regiões elevadas, olhando desdenhosamente para a outra, que, quase invisível, pairava muito mais baixo<sup>113</sup>.

Pode-se então concluir que, nessa citação há um certo equilíbrio de Montaigne em relação ao sentimento de amor e amizade. Baseando-se nos tipos de amores, o humanista afirma que esses amores acabavam por se transformar em amizade e utiliza da definição de amor segundo os estoicos, mais precisamente na pessoa de Cícero:

[...] tais amores acabavam por se tornar amizades, o que se adapta bastante bem à definição que os estoicos dão do amor: 'O amor é o desejo de alcançar a amizade de uma pessoa que nos atrai pela beleza'<sup>114</sup>.

<sup>112</sup> "Aussi tost qu'il entre aux termes de l'amitié, c'est à dire en la convenance des volontez, il s'esvanouist et s'alanguist. La jouissance le perd, comme ayant la fin corporelle et sujette à sacieté". MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 195; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 97, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>113</sup> "L'amitié au rebours, est jouye à mesure qu'elle est désirée, ne s'esleve, se nourrit, ny ne prend accroissance qu'en la jouissance, comme estant spirituelle, et l'âme s'affinant par l'usage. Sous cette parfaicte amitié ces affections volages ont autrefois trouvé place chez moy, affin que je ne parle de luy, qui n'en confesse que trop par ses vers. Ainsi ces deux passions sont entrées chez moy en connoissance l'une de l'autre; mais en comparaison jamais: la premiere maintenant sa route d'un vol hautain et superbe, et regardant desdaigneusement cette cy passer ses pointes bien loing au dessoubs d'elle". MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 195-196; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 97, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>114</sup> "[...] c'est dire que c'estoit un amour se terminant en amitié: chose qui ne se rapporte pas mal à la definition Stoïque de l'amour: « *Amorem conatum esse amicitiae faciendae ex pulcritudinis*

Dando continuidade com seus escritos, Montaigne faz uma abordagem mostrando que a amizade atinge o seu objetivo, seu clímax, na maturidade da idade e do corpo: “Volto à minha tese que diz respeito a uma amizade mais natural e estimável: A amizade atinge sua irradiação total na maturidade da idade e do espírito”<sup>115</sup>. Cícero, em concordância com o que afirmou o humanista, disse que: “As amizades antigas são, como esses vinhos velhos, doces e agradáveis; e é verdadeiro o dito comum de que, para serem perfeitos amigos, é necessário que tenham comido juntos muitos alqueires de sal”<sup>116</sup>. Desta forma, a amizade se aperfeiçoa com o tempo desde a sua frequência cotidiana. Assim como Aristóteles, Montaigne considerava essa espécie de amizade perfeita no que se refere à semelhança, duração e tantos outros respeitos. Veja a abordagem do Estagirita:

Essa espécie de amizade, pois, é perfeita tanto no que se refere à duração como a outros respeitos, e nela cada um recebe de cada um a todos os respeitos o mesmo que dá, ou algo de semelhante; e é exatamente isso o que deve acontecer entre amigos<sup>117</sup>.

Através dessa passagem da obra do ensaísta, pode-se fazer uma relação com o trecho dos escritos de Cícero quando o estoico afirma que:

Sem a maturidade da razão, não há, pois, amizade durável. A diversidade dos gostos, desune as amizades: e se os bons não podem amar os maus, nem os maus amar os bons, é unicamente a dissemelhança dos seus costumes e gostos que o determina<sup>118</sup>.

Montaigne faz um breve esclarecimento sobre a amizade que considera ser a perfeita, na qual as almas se tornam uma só, ou seja, os amigos se assemelham bastante, ao ponto das almas se confundirem e não se distinguir uma da outra. A única forma que Montaigne encontraria para expressar o carinho

*specie* ». Je revien à ma description, de façon plus equitable et plus equable [...]”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 197, grifo do autor; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 98, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>115</sup> "Je revien à ma description, de façon plus equitable et plus equable: « *Omnino amicitiae, corroboratis jam, confirmatisque ingeniis et ætatibus, judicandæ sunt* »". MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 147, grifo do autor; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 98, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>116</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 37. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>117</sup> EN VIII, 4 1156b 35, p. 164

<sup>118</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 37. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

que teve pelo amigo, seria mostrando a intensidade da união que ambos possuíram. A partir disso Montaigne declara que:

Na amizade a que me refiro, as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação. Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu<sup>119</sup>.

Nelson Maria, comenta esse trecho dizendo que Montaigne explicita que na amizade tudo é comum, desde a vontade até a forma de ver a vida. Entretanto, o objetivo seria o mesmo, que é ser apenas uma alma em dois corpos, nos fazendo aludir a partir disso, o pensamento aristotélico<sup>120</sup> que foi abordado no capítulo anterior, pelo qual, “os amigos têm tudo em comum”<sup>121</sup>.

Baseando-se também nessa citação, Carlos Eduardo faz a sua análise dizendo que o pensador moderno apresenta que tamanha é a amizade que as almas se unem no desejo da comunhão, até o ponto de procurar ser uma só alma em dois corpos. A vivência da amizade permite que haja tal comunhão de ideias, e bens, que se tornam uma só alma em dois corpos, que são capazes de vivenciar o ápice da amizade. Conseqüentemente, Carlos Eduardo afirma que neste sentido, a amizade exige muito de ambos os amigos, é “sentir” e viver os mesmos pensamentos a ponto de ser capaz de viverem juntos em pensamento e separados em corpos<sup>122</sup>. Cícero por sua vez afirmou que: “Se não existe alguma coisa de semelhante na amizade, não se achará nunca um verdadeiro amigo; porque um amigo, é um outro nós mesmos”<sup>123</sup>.

---

<sup>119</sup> “En l'amitié dequoy je parle, elles se meslent et confondent l'une en l'autre, d'un melange si universel, qu'elles effacent et ne retrouvent plus la couture qui les a jointes. Si on me presse de dire pourquoy je l'aymois, je sens que cela ne se peut exprimer, qu'en respondant: Par ce que c'estoit luy; par ce que c'estoit moy”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 197; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 98, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>120</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. A Amizade Equitativa e Indivisível em Montaigne. **Contemplação**, Marília, n.1, p. 3-17, 2010, p. 11. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/3/4>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>121</sup> EN VIII, 9 1159b 25, p. 175.

<sup>122</sup> Cf. RODRIGUES, Carlos Eduardo de Lima. Da Amizade em Montaigne. **Filogenese**, Marília, v.4, n.2, p.14-20, 2011, p. 18. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/369662631/Carlos-Eduardo-de-Lima-Rodrigues>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>123</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 40. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

Montaigne dissertou que a espécie de amizade perfeita não seria muito fácil de definir, desse modo o ensaísta expõe que: “[...] mais do que eu poderia dizer, de uma maneira geral e no caso em apreço, intervém em ligações dessa natureza uma força inexplicável e fatal que eu não saberia definir”<sup>124</sup>. O humanista apresenta em seus estudos, que os amigos já se procuram de uma certa forma antes mesmo de se conhecerem, por conta do que um ouve acerca do outro, e podendo nascer assim, a afeição em verdade. Portanto, Montaigne argumenta tomando como base a sua experiência:

Nós nos procurávamos antes de nos termos vistos, pelo que ouvíamos um acerca do outro, e nascia em nós uma afeição em verdade fora de proporções com o que nos era relatado, no que vejo como um decreto da Providência<sup>125</sup>.

A amizade Perfeita não pode tomar como exemplo as outras espécies de amizades que são consideradas pelo ensaísta, frágeis e banais que não são perenes. Por isso, “[...] não podia essa amizade tomar por modelo outras amizades banais e moles que são necessariamente precedidas de frequência mais ou menos prolongada”<sup>126</sup>. Segundo Marden Muller, Montaigne não se interessa pelo mérito da adesão faccionária; seu objetivo é evitar “que se confundam as regras” desta amizade incondicional com as regras vigentes para cada uma das outras amizades comuns, cuja semelhança com a primeira é meramente nominal; na qual o abismo que as separa é tão grande e a tal ponto a distingue das outras variedades<sup>127</sup>.

A amizade virtuosa é sólida, podendo assim durar por muitos anos. Com isso, João Cassiano afirmou que: “A amizade constante não pode existir senão

---

<sup>124</sup> “Il y a, au delà de tout mon discours, et de ce que j'en puis dire particulièrement, je ne sçay quelle force inexplicable et fatale, mediatrice de cette union”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 197-198; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 98, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>125</sup> “Nous nous cherchions avant que de nous estre veus, et par des rapports que nous oyions l'un de l'autre, qui faisoient en nostre affection plus d'effort que ne porte la raison des rapports, je croy par quelque ordonnance du ciel [...]”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 198; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 98, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>126</sup> “[...] elle n'avoit point à perdre temps, et à se regle au patron des amitez molles et regulieres, ausquelles il faut tant de precautions de longue et preallable conversation”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 198; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 98, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>127</sup> Cf. MULLER, Marden. **Montaigne e Cícero**, p. 4. Disponível em: <<http://cifmp.ufpel.edu.br/anais/1/cdrom/mesas/mesa12/03>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

entre os perfeitos [...] nos quais se vê igual virtude”<sup>128</sup>. Também: “[...] os que se acham semelhantemente alicerçados em virtude, a distância dos lugares não constitui uma separação”<sup>129</sup>. Por conseguinte, essa espécie de amizade não se abala com as dificuldades do dia a dia, pois os amigos se conhecem o bastante, até o ponto de não se intrigarem com acontecimentos externos. Portanto, pode-se relacionar a experiência da amizade de Montaigne com os escritos do João Cassiano, tendo em vista que, o autor alude que a distância ou o tempo não podem destruir a amizade, nem mesmo a morte. Sendo assim, a amizade perfeita seria indestrutível. Partindo desse pressuposto, o autor argumenta que:

Entre todas essas, não se encontra, pois, senão um tipo de amizade que seja indissolúvel: a quem tem por princípio, não o favor granjeado por uma recomendação, não a grandeza dos serviços ou benefícios recebidos, sem sequer algum contrato ou a irresistível pulsão da natureza, mas tão-somente a semelhança da virtude. É esta a amizade, digo, que nenhum acidente rompe, que a distância ou o tempo não podem desatar nem delir e que nem a própria morte, ademais, nunca consegue desfazer. É esta a dileção verdadeira e indestrutível, que cresce com a virtude e a perfeição geminadas dos amigos e cujo pacto, uma vez concluído, não se dissolve pela diversidade dos desejos nem pela luta das vontades contrárias<sup>130</sup>.

Neste trecho, consegue-se visualizar algumas das características da amizade descrita por Montaigne, tendo em vista que, a amizade perfeita é indissolúvel na concepção do ensaísta. Pode-se tomar, também, Aristóteles como referência para conceder uma definição de amizade perfeita, que sem dúvidas, se assemelha com a experiência que Montaigne teve com o seu amigo La Boétie. Posto isto, veja a argumentação do Estagirita:

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso sua amizade dura enquanto são bons — e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. E da mesma forma são

---

<sup>128</sup> CASSIANO, João. **Conferências 16 a 24**. Tradução Leonardo Fróes. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2008, p. 17.

<sup>129</sup> CASSIANO, João. **Conferências 16 a 24**. Tradução Leonardo Fróes. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2008, p. 17.

<sup>130</sup> CASSIANO, João. **Conferências 16 a 24**. Tradução Leonardo Fróes. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2008, p. 15.

agradáveis, porquanto os bons o são tanto em si mesmos como um para o outro, visto que a cada um agradam as suas próprias atividades e outras que lhes sejam semelhantes, e as ações dos bons são as mesmas ou semelhantes<sup>131</sup>.

Após relacionar a concepção aristotélica e montaigneana de amizade perfeita, partindo da experiência que o humanista teve com seu amigo La Boétie, entende-se que o filósofo mostra que a amizade igual a deles foi única, na qual se assemelhavam em tudo a ponto de se confundirem, de compartilharem das mesmas coisas. Com isso, Montaigne afirma:

A nossa amizade foi única no gênero e deve-se tão-somente a si própria. Não ocorreu em consequência de um fato específico, ou de dois, de três ou de mil; a ela fomos levados por não sei que atração total, a qual em se assenhoreando de nossas vontades as impeliu a um impulso simultâneo e irresistível de se perderem uma na outra, de se fundirem em uma só. E digo “perderem-se” porque na verdade essa associação de nossas almas se efetuou sem reserva de espécie alguma; nada tínhamos mais que nos pertencesse pessoalmente, que fosse dele, que fosse meu<sup>132</sup>.

Pode-se, a partir dessa argumentação, fazer uma comparação com o pensamento de João Cassiano, que em seus estudos abordou que: “[...] a verdadeira concórdia e a amizade indissolúvel só podem existir com uma vida irrepreensível e entre pessoas de idêntica virtude e um só propósito”<sup>133</sup>. Essa relação de ambos os pensamentos pode ser realizada, tendo em vista que, Montaigne expõe que na amizade que teve com La Boétie, eles tinham tudo em comum. Partindo dessa ideia, Marden Muller declara, que os verdadeiros amigos acham suas vontades tão plenamente confundidas uma na outra que diríamos tratar-se de uma vontade só<sup>134</sup>.

Montaigne utiliza em sua obra, uma passagem de Cícero, no qual dois amigos, Graco e Blóssio, tinham muitos pontos em comum. O ensaísta nesta

<sup>131</sup> EN VIII, 3 1156b 5-15, p. 167.

<sup>132</sup> “Cette cy n'a point d'autre idée que d'elle mesme, et ne se peut rapporter qu'à soy. Ce n'est pas une speciale consideration, ny deux, ny trois, ny quatre, ny mille: c'est je ne sçay quelle quinte essence de tout ce meslange, qui, ayant saisi toute ma volonté, l'amena se plonger et se perdre dans la sienne; qui, ayant saisi toute sa volonté, l'amena se plonger et se perdre en la mienne, d'une faim, d'une concurrence pareille. Je dis perdre, à la verité, ne nous reservant rien qui nous fut propre, ny qui fut ou sien ou mien”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 198; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 98, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>133</sup> CASSIANO, João. **Conferências 16 a 24**. Tradução Leonardo Fróes. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2008, p. 16.

<sup>134</sup> Cf. MULLER, Marden. **Montaigne e Cícero**, p. 4-5. Disponível em: <<http://cifmp.ufpel.edu.br/anais/1/cdrom/mesas/mesa12/03>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

abordagem nos transmite a importância de um amigo, a ponto de deixar qualquer tipo de ambição, bens materiais em segundo plano e a amizade era a que estaria ocupando um lugar privilegiado na vida de Graco e Blóssio. A partir disso, o filósofo expõe:

Graco e ele (Blóssio) eram amigos e mais amigos do que cidadãos, e mais do que amigos ou inimigos de seu país. Sua ambição, seus projetos subversivos vinham depois da amizade; tinham-se dado inteiramente um ao outro, suas vontades marchavam lado a lado, imaginai-os guiado pela virtude e a razão - e não poderia ser de outro jeito – e convireis em que a resposta de Blóssio foi a que devia ser. Se tivessem divergido em suas ações, não teriam sido amigos um do outro, da maneira por que compreendo a amizade<sup>135</sup>.

Então, nota-se que nessa referência, Montaigne indica que a ideia de amizade perfeita está relacionada com a relação entre virtude e razão. Marden Muller, menciona que Graco e Blóssio tinham as rédeas das vontades um do outro, não como quem alternadamente impõe-se e ordena num momento para em seguida, curvar-se e obedecer, e sim, com a naturalidade de quem obedece a si mesmo<sup>136</sup>.

## 2.5 Relação entre amizade e unidade

Montaigne faz uma alusão no que se refere à união dos amigos, baseando-se no serviço prestado a si próprio, com isso, os amigos perdem a ideia de dever alguma coisa entre si. Por conseguinte, a união dos amigos atinge a perfeição, excluindo qualquer tipo de divisão ou até mesmo diferença. Sendo assim, vê-se a menção do filósofo:

[...] como a afeição que tenho por mim não se amplia com um serviço que preste a mim mesmo (embora os estoicos afirmem o contrário); assim como não sou grato a mim mesmo do serviço prestado por mim mesmo, assim também a união de tais amigos atinge tal perfeição que os leva a perder a ideia e rechaça todas essas palavras que tendem a estabelecer uma divisão ou

---

<sup>135</sup> “Ils estoient plus amis que citoyens, plus amis qu'amis et qu'ennemis de leur país, qu'amis d'ambition et de trouble. S'estans parfaitement commis l'un à l'autre, ils tenoient parfaitement les renes de l'inclination l'un de l'autre; et faictes guider cet harnois, par la vertu et conduite de la raison (comme aussi est-il du tout impossible de l'atteler sans cela), la responce de Blossius est telle qu'elle devoit estre. Si leurs actions se demancherent, ils n'estoient ny amis selon ma mesure l'un de l'autre, ny amis à eux memes”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 198-199; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 98, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>136</sup> Cf. MULLER, Marden. **Montaigne e Cícero**, p. 5. Disponível em: <<http://cifmp.ufpel.edu.br/anais/1/cdrom/mesas/mesa12/03>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

diferença, como o favor, obrigação, reconhecimento, pedido, agradecimento e outras. Efetivamente, em tudo lhes sendo comum, vontade, pensamento, maneira de ver, bens, mulheres, filhos, honra e até mesmo a vida, e em procurando ser apenas uma alma em dois corpos, a expressão muito certa de Aristóteles, nada se podem pedir ou dar<sup>137</sup>.

Carlos Eduardo, tomando como base essa citação afirma que, segundo Montaigne, o amigo deve ocupar um lugar de destaque na vida, em que se é desobrigado de tudo, pois é único. O pensador ensaísta também apresenta as dificuldades de multiplicar os amigos, porque tendo “vários”, o homem é obrigado em certos momentos a optar mais por um, do que por outro, o que seria um grande empecilho, pois o amigo não abandona<sup>138</sup>. Desse modo, pode-se recorrer ao pensamento aristotélico estudado no capítulo anterior, no qual Aristóteles afirmou assim como Montaigne, a impossibilidade de ter uma amizade perfeita com muitas pessoas. Partindo desse pressuposto, o Estagirita argumenta que:

Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de ter com elas uma amizade perfeita, assim como não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo (pois o amor é, de certo modo um excesso de sentimento e está na sua natureza dirigir-se a uma pessoa só); e não sucede facilmente que muitas pessoas, ao mesmo tempo, agradem muito a um indivíduo só, ou mesmo, talvez, que pareçam boas aos seus olhos. É preciso, por outro lado, adquirir alguma experiência da outra pessoa e familiarizar-se com ela, e isso custa muito trabalho, mas com vistas na utilidade ou no prazer, é possível que muitas pessoas agradem a uma só, pois muitas pessoas são úteis ou agradáveis, e tais serviços não exigem muito tempo<sup>139</sup>.

Assim sendo, essa amizade da espécie virtuosa, perfeita, não era algo que se daria com mais de uma pessoa, por conta do tempo que uma amizade perfeita exige para os amigos se familiarizarem, diferente das amizades comuns que

---

<sup>137</sup> “Car, tout ainsi que l'amitié que je me porte, ne reçoit point augmentation, pour le secours que je me donne au besoin, quoy que dient les Stoïciens, et comme je ne me sçay aucun gré du service que je me fay: aussi l'union de tels amis estant véritablement parfaite, elle leur faict perdre le sentiment de tels devoirs, et haïr et chasser d'entre eux, ces mots de division et de difference: bien faict, obligation, reconnoissance, priere, remerciement, et leurs pareils. Tout estant par effect commun entre eux, volonte, pensemens, jugemens, biens, femmes, enfans, honneur et vie, et leur convenance n'estant qu'un' ame en deux corps selon la tres-propre definition d'Aristote, ils ne se peuvent ny prester ny donner rien”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 199-200; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 99, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>138</sup> Cf. RODRIGUES, Carlos Eduardo de Lima. Da Amizade em Montaigne. **Filogenese**, Marília, v.4, n.2, p.14-20, 2011, p. 18. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/369662631/Carlos-Eduardo-de-Lima-Rodrigues>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>139</sup> **EN VIII**, 6 1158a 10-15, p.171.

surgem sem a familiarização, podendo assim, se dissolver facilmente. Entretanto, Montaigne diz que: “[...] essa amizade é indivisível. Cada qual se entrega tão inteiramente ao outro que nada resta por dividir”<sup>140</sup>. O humanista dando continuidade com seu pensamento alude que:

[...] essa amizade que nos enche a alma e a domina não pode subdividir-se. Se temos dois amigos e ambos ao mesmo tempo pedem socorro, a quem acudiremos? Se solicitam favores antagônicos, qual deles atenderemos? Se um nos exige silêncio acerca de alguma coisa que interessa ao outro, que faremos? Com um amigo único que ocupe em nossa vida lugar preponderante estamos desobrigados de tudo<sup>141</sup>.

Nesta citação, verifica-se que o filósofo, não considerava possível constituir uma amizade perfeita com mais de uma pessoa, dificultando assim a disponibilidade do amigo para as suas necessidades. Com apenas um amigo que se considera verdadeiro, virtuoso, é que haveria mais disponibilidade e acessibilidade. Montaigne expõe que:

Quem supõe que, tendo dois amigos ama tanto um quanto o outro, e tanto quanto se amam entre si e quanto o amam igualmente, imagina ser possível multiplicar e transformar em confraria essa coisa única e homogênea tão difícil e tão rara de encontrar no mundo<sup>142</sup>.

De acordo com Carlos Eduardo, Montaigne destaca que tendo dois amigos que se amam igualmente e assim multiplicam e transformam esse sentimento em uma confraria, algo tão raro de se encontrar no mundo que, ocorre de forma homogênea e única. Os que julgam ser possível ter mais de um amigo não

---

<sup>140</sup> “Car cette parfaicte amitié, dequoy je parle, est indivisible: chacun se donne si entier à son amy, qu'il ne luy reste rien à departir ailleurs [...]”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 200; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 99, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>141</sup> “[...] cette amitié qui possède l'ame et la regente en toute souveraineté, il est impossible qu'elle soit double. Si deux en mesme temps demandoient à estre secourus, auquel courriez vous? S'ils requeroient de vous des offices contraires, quel ordre y trouveriez vous? Si l'un commettoit à vostre silence chose qui fust utile à l'autre de sçavoir, comment vous en desmelleriez vous? L'unique et principale amitié descoust toutes autres obligations”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 201; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 99, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>142</sup> “Et qui presupposera que de deux j'en aime autant l'un que l'autre, et qu'ils s'entr'aiment, et m'aiment autant que je les aime, il multiplie en confrairie la chose la plus une et unie, et dequoy une seule est encore la plus rare à trouver au monde”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 201; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 99, tradução de Sérgio Milliet.

compreendem o que é a amizade<sup>143</sup>. A amizade deve ser valorizada e só pode ser perfeita a que é formada entre os virtuosos, podendo assim durar por muito tempo. Com isso, João Cassiano dissertou que:

[...] só entre homens de igual virtude e idêntico propósito é a amizade capaz de perdurar estável e sem rompimento. É fatal haver nela, não sendo assim, mais cedo ou mais tarde, uma cisão, seja qual for o cuidado que se tenha para conservá-la<sup>144</sup>.

Portanto, pode-se concluir que, a amizade para Montaigne, não é meramente um conceito, mas sim, uma experiência. Utilizando das palavras de Nelson Maria, afirmar-se que: “Conforme Montaigne, a união entre amigos conduz à perfeição”<sup>145</sup>. E assim, recorda-se das palavras do próprio ensaísta, no que se refere a sua experiência de amizade: “[...] nossa amizade tão repentina alcançou tão rapidamente esse grau de perfeição”<sup>146</sup>.

Posto isto, constata-se nesse capítulo, que a amizade para o humanista é algo espiritual, na qual só quem tem amigo verdadeiro pode sentir tal sentimento. Portanto, a amizade não é um mero interesse ou satisfações de desejos, é algo além disso, amizade é o grau supremo de perfeição nas relações entre os homens, é uma dádiva.

No próximo capítulo, analisar-se-á o motivo pelo qual se faz necessário formar-se uma amizade virtuosa, pois é um dos caminhos que possibilita o homem ser feliz, de acordo com o pensamento de Montaigne. Elucidar-se-á a forma como o pensador moderno usufruiu de uma felicidade, que é perfeita dentre os limites das relações humanas, através da experiência de amizade virtuosa com seu amigo Étienne de La Boétie.

---

<sup>143</sup> Cf. RODRIGUES, Carlos Eduardo de Lima. Da Amizade em Montaigne. **Filogenese**, Marília, v.4, n.2, p.14-20, 2011, p. 19. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/369662631/Carlos-Eduardo-de-Lima-Rodrigues>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>144</sup> CASSIANO, João. **Conferências 16 a 24**. Tradução Leonardo Fróes. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2008, p. 37.

<sup>145</sup> SILVA, Nelson Maria Brechó da. A Amizade Equitativa e Indivisível em Montaigne. **Contemplação**, Marília, n.1, p. 3-17, 2010, p. 12. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/3/4>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>146</sup> “[...] par laquelle il excuse et explique la precipitation de nostre intelligence, si promptement parvenue à sa perfection”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 198; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 98, tradução de Sérgio Milliet.

### 3 DA AMIZADE À FELICIDADE

O presente capítulo consistirá em uma análise sobre a relação entre amizade e felicidade em Michel de Montaigne, na qual após constituir uma amizade da espécie perfeita (virtuosa), o possibilitou ser feliz enquanto a amizade durou. Como já foi abordado nos capítulos anteriores, o homem necessita relacionar-se com outros, pois esse contato mútuo é um dos elementos essenciais para alcançar a tão almejada felicidade humana. Segundo Sérgio Schaefer: “Os livros VIII e IX tratam a amizade, que é tão necessária para o exercício das virtudes éticas quanto para tornar a vida feliz no plano mais restrito da individualidade e também, no plano maior da *polis*”<sup>147</sup>. Partindo desse pressuposto, Aristóteles afirmou que:

Não menos estranho seria fazer do homem sumamente feliz um solitário, pois ninguém escolheria a posse do mundo inteiro sob a condição de viver só, já que o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade. Por isso, mesmo o homem bom viverá em companhia de outros, visto possuir ele as coisas que são boas por natureza. E, evidentemente, é melhor passar os seus dias com amigos e homens bons do que com estranhos ou com a primeira pessoa que apareça. Logo, o homem feliz necessita de amigos<sup>148</sup>.

Com essa citação, observa-se que através de uma relação de amizade o homem pode ser feliz, tendo em vista que todos necessitam de um amigo para se comunicar, compartilhar as alegrias, tristezas e conviver. Em plena comunhão com o que dizia Aristóteles, pode-se recordar do que o filósofo, Marco Túlio Cícero argumentava em sua obra, *Diálogo Sobre a Amizade*, a importância do homem estar em harmonia com outros, não ficando assim, solitário:

Qual é a alma de ferro que suportaria uma tal existência e a quem a solidão não tornaria insípidos todos os gozos? Assim tenho por verdadeiras as palavras de Arquitas de Taranto, que entendi recordar a velhos que as ouviram eles próprios de seus pais: “se alguém subir ao céu, e de lá contemplar a beleza do universo e dos astros, todas essas maravilhas deixá-lo-ão indiferente, enquanto que o embasbacarão de surpresa se tiver de contá-las a alguém”. Assim, a natureza do homem se recusa à solidão, e

---

<sup>147</sup> SCHAEFER, Sérgio. **A Filosofia e a Felicidade**: a concepção de felicidade em Aristóteles. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p. 28.

<sup>148</sup> EN IX, 9 1169b 20, p. 200-201.

parece sempre procurar um apoio: e não o há mais doce que o coração de um terno amigo<sup>149</sup>.

A amizade pode ser considerada um ponto essencial para o homem ser feliz. Nota-se que já era um tema muito discutido, desde a tradição filosófica grega, como foi exposto no primeiro capítulo, a amizade segundo o pensamento aristotélico. Com isso, o Estagirita continua a sua abordagem sobre a relação entre amizade e felicidade dizendo:

Mas parece estranho, quando se atribui tudo o que é bom ao homem feliz, recusar-lhe amigos, que são considerados os maiores bens exteriores. E, se é mais próprio de um amigo fazer bem a outrem do que ser beneficiado, e se dispensar benefícios é característico do homem bom e da virtude, e é mais nobre fazer bem a amigos do que a estranhos, o homem bom necessitará de pessoas a quem possa fazer bem. E por esta razão se pergunta se necessitamos mais de amigos na prosperidade ou na adversidade, subentendendo que não só um homem na adversidade precisa de quem lhe confira benefícios, mas também os prósperos necessitam ter a quem fazer bem<sup>150</sup>.

Assim sendo, o Estagirita demonstra a necessidade de relacionar-se com alguém que seja amigável para lhe fazer o bem, pois a ajuda mútua é uma das características do amigo virtuoso, como já foi estudado nos capítulos anteriores. Em plena comunhão com o que Aristóteles expõe sobre a importância da amizade como sendo uma base para a felicidade do homem, Cícero argumenta: “E mesmo quando conservássemos o gozo desses dons da riqueza, a vida sem a amizade, nos pareceria inculta, deserta e desnudada de toda alegria”<sup>151</sup>. Com isso, pode-se concluir que tanto Aristóteles quanto Cícero concordavam que a felicidade está relacionada com a comunhão dos homens entre si. O homem naturalmente tenderia, segundo Aristóteles, fazer o bem a um amigo do que a pessoas estranhas. Na citação analisada anteriormente do Estagirita, observa-se também, a figura do beneficiado e do benfeitor. Partindo da imagem do benfeitor, Montaigne afirma que:

---

<sup>149</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 42. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>150</sup> EN IX, 9 1169b 10-15, p. 200.

<sup>151</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 29. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

Se na amizade a que me refiro, um pudesse dar alguma coisa ao outro, o benfeitor é que seria o favorecido. Colocando ambos acima de tudo a felicidade de obsequiar o outro, quem dá a seu amigo a oportunidade de fazê-lo é quem se mostra mais generoso, pois lhe outorga a satisfação de realizar o que mais lhe apraz<sup>152</sup>.

Nelson Maria comenta essa argumentação do ensaísta dizendo que: “O benfeitor é aquele que faz o bem ou o benefício em favor do amigo e vice-versa. Por isso, ele é favorecido por sua boa intenção”<sup>153</sup>. O autor continua com a sua linha de pensamento afirmando que o benfeitor, quando ajuda o beneficiado torna-se feliz com o seu feito. Ao invés de ficar no prejuízo por doar ao outro, o benfeitor segundo a visão de Nelson Maria, adquire uma felicidade, podendo assim, ser caracterizado como nobre, leal e pródigo, tendo em vista que a doação é feita de algo que é considerado importante para si. O ser generoso, é ser capaz de ofertar ao amigo aquilo que existe de melhor, simplesmente por amor e o desejo de instituir uma amizade perfeita<sup>154</sup>.

O humanista, relaciona a amizade e os bens materiais com o pensamento de Diógenes, quando faltava dinheiro, dizia que iria reclamar dos seus amigos: “Quando o filósofo Diógenes precisava de dinheiro dizia que ia reclamá-lo dos amigos, e não lhes ia pedir”<sup>155</sup>. Tomando como referência essa passagem, Nelson Maria diz que, seria válido lembrar que Diógenes era historiador e biógrafo dos filósofos da antiga tradição grega. E, portanto, Montaigne menciona o exemplo do corintiano Eudâmidas com seus amigos para dar sustento à argumentação de Diógenes em relação à reclamação dos bens materiais, que segundo Montaigne,

---

<sup>152</sup> "Si, en l'amitié dequoy je parle, l'un pouvoit donner à l'autre, ce seroit celuy qui recevoit le bien-fait, qui obligeroit son compaignon. Car cherchant l'un et l'autre, plus que toute autre chose, de s'entre-bienfaire, celuy qui en preste la matiere et l'occasion, est celuy-là qui faict le liberal, donnant ce contentement à son amy, d'effectuer en son endroit ce qu'il désire le plus". MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 200; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 99, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>153</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 123. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>154</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 25. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>155</sup> "Quand le Philosophe Diogenes avoit faute d'argent, il disoit qu'il le redemandoit à ses amis, non qu'il le demandoit". MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 200; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 99, tradução de Sérgio Milliet.

remete a um estado da alma, no qual, a reclamação seria um sentimento de descontento material<sup>156</sup>.

Nelson Maria firma que: “A amizade humaniza o homem, porque une a sua vontade a do outro, de maneira a conscientizar de que eles encontram sua plena realização na experiência dual que realizam em vista da profunda união”<sup>157</sup>. Baseando-se nessa relação de amizade, veja o que disse o ensaísta ao dar continuidade com a sua linha de pensamento:

A fim de exemplificar com um fato esse estado de alma, vou apelar para os antigos. O corintiano Eudâmidas tinha dois amigos: Charixênio de Lición e Areteu de Corinto. Era pobre e eles ricos. Às vésperas de morrer, assim redigiu seu testamento: “Lego a Areteu o cuidado de tomar conta de minha mãe e suprir-lhe as necessidades durante a velhice; a Charixênio, a obrigação de desposar minha filha e construir-lhe um dote tão elevado quanto possível. No caso em que um deles venha a morrer, lego sua parte ao outro.” Os primeiros que viram o testamento muito caçoaram dele, mas os herdeiros o aceitaram com uma alegria espantosa. Vindo a falecer Charixênio cinco dias depois, Areteu substituiu-o na parte que lhe cabia e tratou cuidadosamente do sustento da mãe; e, elevando-se seu patrimônio a cinco talentos, deu dois e meio à sua própria filha, que era filha única, e dois e meio de dote à filha de Eudâmidas. E as casou ambas no mesmo dia<sup>158</sup>.

Nelson Maria tomando como referência esse trecho, argumenta dizendo que o estado da alma que contorna a alteridade, é examinado pelo pensador humanista com esse belo exemplo de Eudâmidas, que como gesto de amizade,

---

<sup>156</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 25. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>157</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 127. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>158</sup> "Et, pour montrer comment cela se pratique par effect, j'en reciteray un ancien exemple, singulier. Eudamidas, Corinthien, avoit deux amis: Charixenus, Sycionien, et Aretheus Corinthien. Venant à mourir estant pauvre, et ses deux amis riches, il fit ainsi son testament: Je legue à Aretheus de nourrir ma mère et l'entretenir en sa vieillesse; à Charixenus, de marier ma fille et luy donner le doüaire le plus grand qu'il pourra; et, au cas que l'un d'eux vienne à defaillir, je substitue en sa part celuy qui survivra. Ceux qui premiers virent ce testament, s'en moquerent; mais ses heritiers, en ayants esté advertis, l'accepterent avec un singulier contentement. Et l'un d'eux, Charixenus, estant trespasé cinq jours apres, la substitution estant ouverte en faveur d'Aretheus, il nourrit curieusement cette mere, et, de cinq talens qu'il avoit en ses biens, il en donna les deux et demy en mariage à une sienne fille unique, et deux et demy pour le mariage de la fille d'Eudamidas, desquelles il fit les nopces en mesme jour". MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 200; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 99, tradução de Sérgio Milliet.

deixa todos os seus bens em testamento para os seus amigos<sup>159</sup>. Grande prova de amizade, na qual pode-se observar uma entrega de doação total para o amigo. A amizade como já foi estudada, exige uma certa reciprocidade no bem querer que é considerada o elemento essencial para manter uma boa relação mútua e essa entrega, doação deve ser da parte de ambos os amigos.

### 3.1 Relação entre felicidade e virtude

Pode-se observar na obra de Aristóteles, *A Ética a Nicômaco*, uma relação entre felicidade e virtude, no qual quase todos concordam, segundo o Estagirita, que o homem tem como fim ser feliz, e essa felicidade está relacionada com o agir bem, os bons hábitos ou em outras palavras, está relacionada com a virtude, pois: “Verbalmente, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem ser esse fim a felicidade, e identificam o bem viver e o bem agir como o ser feliz”<sup>160</sup>.

Aristóteles, dando continuidade a sua argumentação sobre a relação do agir bem e a felicidade, expõe dizendo que a ideia do homem feliz pode ser concebida, tendo em vista que, o homem feliz vive bem e age bem, pois a felicidade seria uma espécie de boa vida e ação correta. Aristóteles demonstra em seus escritos que alguns identificavam a felicidade com a virtude. Veja as palavras do próprio filósofo partindo dessa ideia:

Outra crença que se harmoniza com a nossa concepção é a de que o homem feliz vive bem e age bem; pois definimos praticamente a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação. As características que se costuma buscar na felicidade também parecem pertencer todas à definição que demos dela. Com efeito, alguns identificam a felicidade com a virtude, outros com a sabedoria prática, outros com uma espécie de sabedoria filosófica, outros com estas, ou uma destas, acompanhadas ou não de prazer; e outros ainda também incluem a prosperidade exterior. Ora, algumas destas opiniões têm tido muitos e antigos defensores, enquanto outras foram sustentadas por poucas, mas eminentes pessoas. E não é provável que qualquer delas esteja inteiramente equivocada, mas sim que tenham razão pelo menos a algum respeito, ou mesmo a quase todos os respeito<sup>161</sup>.

---

<sup>159</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 124. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>160</sup> EN I, 4 1095a 15-25, p. 11.

<sup>161</sup> EN I, 8 1098b 20-25, p. 21.

E ainda, Aristóteles afirma que: “Também se ajusta à nossa concepção a dos que identificam a felicidade com a virtude em geral ou com alguma virtude particular, pois que à virtude pertence a atividade virtuosa”<sup>162</sup>. Tendo uma vida virtuosa, possibilita o homem viver melhor de forma correta, ser feliz, sem atritos que podem ser causados por uma vida desregrada. Portanto, “A felicidade é, pois, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo”<sup>163</sup>. De acordo com o pensamento de Miguel Spinelli:

A felicidade (no universo das relações) consiste nisto: em estar em paz consigo mesmo, sem perturbação, de modo a se auto-determinar (frente ao outro) a partir de si, do uso e proveito das próprias potencialidades, em benefício próprio, que, por sua vez, remete inevitavelmente em benefício alheio: atinge e promove o outro que nos rodeia, ou, pelo menos, não lhe pesa ou perturba a vida, o que é (para o todo) um grande bem. A relação da amizade comporta, pois, essa pacificação de si, a fim de somar-se ao outro, sem lhe diminuir e lhe pesar a vida<sup>164</sup>.

Nota-se que ser feliz está também relacionado com o outro, consiste no estar em paz consigo mesmo e com os que estão ao seu redor. A felicidade segundo Miguel Spinelli, está justamente na tranquilidade em não perturbar a vida. O estar bem consigo mesmo, remete ao estar em paz com o próximo, isso só é possível a partir da vivência de uma vida virtuosa. Partindo desse pressuposto, Aristóteles argumenta dizendo que a felicidade é algo divino:

Por este motivo, também se pergunta se a felicidade deve ser adquirida pela aprendizagem, pelo hábito ou por alguma outra espécie de adestramento, ou se ela nos é conferida por alguma providência divina, ou ainda pelo acaso. Ora, se alguma dádiva os homens recebem dos deuses, é razoável supor que a felicidade seja uma delas, e, dentre todas as coisas humanas, a que mais seguramente é uma dádiva divina, por ser a melhor. Esta questão talvez caiba melhor em outro estudo; no entanto, mesmo que a felicidade não seja dada pelos deuses, mas, ao contrário, venha como um resultado da virtude e de alguma espécie de aprendizagem ou adestramento, ela parece contar-se entre as coisas mais divinas; pois aquilo que constitui o prêmio e a finalidade da virtude se nos afigura o que de melhor existe no mundo, algo de divino e abençoado<sup>165</sup>.

<sup>162</sup> EN I, 8 1098b 30, p. 21.

<sup>163</sup> EN I, 8 1098b 25, p. 22.

<sup>164</sup> SPINELLI, Miguel. Epicuro e o tema da amizade: a philía vinculada ao éros da tradição e ao êthos cívico da pólis. **Princípios**: Revista de Filosofia, Natal, v. 18, n. 29, p. 05-35, nov. 2011, p. 18. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/1304>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>165</sup> EN I, 9 1099b 10-15, p. 22-23.

A felicidade é divina no sentido que todo homem almeja alcançá-la. Muitos a procuram de forma errada e acaba dificultando o acesso para essa realização humana. O homem tende para o bem, sendo assim, direcionando a sua ação para o que é moralmente um bem, o possibilitará ser feliz. Deste modo, Aristóteles afirmou que: “E é suficiente que tenhamos o necessário para isso, pois a vida do homem que age de acordo com a virtude será feliz”<sup>166</sup>. O ser humano quando optar em agir mal moralmente, não age com a concepção de que tal ação é má para si, mas a ação coberta de imoralidade é concebida por ele como algo bom. O Estagirita afirma neste trecho que a virtude tem como finalidade o que existe de melhor no mundo, considerando assim algo divino e abençoado. Mais uma vez o filósofo confirma que a felicidade estando relacionada com a virtude, é algo divino:

Se a felicidade é atividade conforme à virtude, será razoável que ela esteja também em concordância com a mais alta virtude; e essa será a do que existe de melhor em nós. Quer seja a razão, quer alguma outra coisa esse elemento que julgamos ser o nosso dirigente e guia natural, tornando a seu cargo as coisas nobres e divinas, e quer seja ele mesmo divino, quer apenas o elemento mais divino que existe em nós, sua atividade conforme à virtude que lhe é própria será a perfeita felicidade<sup>167</sup>.

Sem perturbação na alma, com tranquilidade, a felicidade através da virtude conduzirá o homem à perfeita alegria. A felicidade segundo o Estagirita, em concordância com a virtude, deve estar em harmonia com a mais alta e perfeita virtude. Nota-se que Aristóteles, já na antiguidade estudou e deixou em seus escritos essa tendência do homem para ser feliz.

### 3.2 Relação entre amizade e virtude

Cícero em sua obra, *Diálogo sobre a Amizade*, argumenta que a virtude seria um elemento essencial para a constituição da amizade, uma amizade da espécie perfeita: “E assim discorrem nobremente os que constituem o sumo bem na virtude, e esta mesma é a que engendra e mantem as amizades, de modo que, sem ela, não pode existir amizade de modo nenhum”<sup>168</sup>. Desta forma, nota-se que a amizade perfeita como o próprio nome já alude, não pode conter imperfeições, vícios. Essa perfeição, que está intimamente relacionada entre

<sup>166</sup> EN X, 8 1179a 5, p. 224.

<sup>167</sup> EN X, 7 1177a 10-15, p. 219-220.

<sup>168</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 25. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

amizade e virtude é um caminho que possibilitará o homem ser feliz. Dando continuidade à sua análise, Cícero expõe que:

E não falo agora de uma amizade vulgar ou mediana (embora também esta deleite e aproveite), mas da verdadeira e perfeita, como foi a daqueles poucos que são tão afamados. Esta faz mais abundantes as prosperidades e as adversidades, rompendo-as e unindo-as, tornando-as mais suportáveis<sup>169</sup>.

A partir dessa argumentação de Cícero, lembra-se dos capítulos anteriores, nos quais a amizade da espécie perfeita, virtuosa se destacava entre as outras espécies. De acordo com Battista Mondin, recorda-se do que Aristóteles dizia: “O meio para se conseguir a felicidade é a virtude”<sup>170</sup>. A partir dessa afirmação, pode-se dizer que a amizade como sendo uma virtude, é um meio para alcançar a tão almejada felicidade humana. Então, o autor afirma que:

Entre as virtudes examinadas por Aristóteles, ocupa de relevo a amizade. Segundo ele, a amizade é tão importante que sem ela não pode haver felicidade. Esta última consiste primariamente no exercício das virtudes especulativas e secundariamente no exercício das virtudes morais. Quem se contenta com o exercício das virtudes morais é feliz (*eudáimon*), quem se dedica especialmente no exercício das virtudes especulativas é felicíssimo (*eudaimonéstato*)<sup>171</sup>.

Nota-se a ligação entre amizade, virtude e felicidade, que é uma relação que desde a tradição grega, era feita por alguns filósofos. Contudo, pode-se comparar com o que Marden Muller vai expor sobre Montaigne, quando diz que, um exame da caracterização montaigneana da amizade como relação cujos membros são necessariamente virtuosos<sup>172</sup>. Mais uma vez observa-se que o humanista quando remete à amizade perfeita, está intimamente relacionada com a amizade da espécie virtuosa, amizade que edifica, que visa o bem mútuo, reciprocidade. A amizade virtuosa é a única que dura a vida toda.

Epicuro em seus escritos já engrandecia a importância da amizade para conduzir o homem a uma felicidade: “[...] de todas as coisas que nos oferece a

<sup>169</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 25. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>170</sup> MONDIN, Battista. **Curso de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 101.

<sup>171</sup> MONDIN, Battista. **Curso de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 103.

<sup>172</sup> Cf. MULLER, Marden. **Montaigne e Cícero**, p. 8. Disponível em: <<http://cifmp.ufpel.edu.br/anais/1/cdrom/mesas/mesa12/03>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

sabedoria para a felicidade de toda a vida, a maior é a aquisição da amizade”<sup>173</sup>. Segundo Fátima Niemeyer, “Epicuro apresenta a amizade como a maior de todas aquisições que a sabedoria pode oferecer ao ser humano para alcançar a felicidade”<sup>174</sup>.

Partindo da ideia de relação entre amizade e virtude demonstrada por Montaigne, chega-se à conclusão de que tal raciocínio se assemelha também ao pensamento de Cícero, que segundo João de Azevedo, o estoico em seu *Diálogo Sobre a Amizade*, faz uma associação desde o início do diálogo entre amizade, virtude e a excelência moral<sup>175</sup>. A moral ajuda o homem a viver corretamente, de acordo com os bons princípios, buscando sempre fazer o bem e evitar o mal.

Eis o que Cícero argumenta sobre essa relação: “Porque como seja a opinião de virtude a que concilia as amizades, é sumamente difícil que a amizade permaneça apartando-se da virtude”<sup>176</sup>. Posto isso, a amizade está associada à virtude. Segundo o pensamento ciceroniano, a virtude é uma forma de conciliação de amor: “Pois não há coisa mais amável que a virtude, nem que mais concilie o amor dos homens [...]”<sup>177</sup>.

### 3.3 Relação entre amizade e moral

Cícero, assim como Montaigne e Aristóteles, concordava que a amizade virtuosa só pode existir entre homens semelhantes nas virtudes, homens que fazem o bem. Com isso, o estoico afirma que: “[...] a amizade não pode existir senão entre as pessoas de bem”<sup>178</sup>. Fazendo como referência essa citação, João

<sup>173</sup> EPICURO. **Carta sobre a felicidade:** (a Meneceu). Tradução e apresentação de Álvaro Lorencine e Enzo Del Carrote. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 20.

<sup>174</sup> ROCHA, Fátima Niemeyer da. A Representação da Felicidade na Antiguidade: Um Diálogo com a Psicologia Positiva. **Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 2, n. 1, p. 53-68, jan./jun. 2011, p. 61. Disponível em: <<http://editorauss.uss.br/index.php/RM/article/view/145/108>>. Acesso em: 11 de maio 2010.

<sup>175</sup> Cf. AZEVEDO, João de; DUARTE, Dias. A amizade em Montaigne: transformações na experiência da pessoa no século XVI. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: ANPUH, 2009, p. 7. Disponível em: <<https://anais.anpuh.org/?p=17964>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>176</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 22. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>177</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 18. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>178</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 34. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

de Azevedo expõe que através da emulação e do aconselhamento mútuo, os amigos devem se auxiliar no caminho do bem soberano que é a excelência moral<sup>179</sup>. Francesco Alberoni também relaciona amizade e virtude, perfeição moral:

A amizade aspira um ideal de perfeição moral. Se isso é verdade, o resultado é que escolheremos por amigos aqueles que se comportam desse modo pelo menos conosco, que procedem moralmente bem conosco [...], cada um, com o amigo, deve comportar-se de modo exemplar. É esta que os antigos denominavam amizade segundo virtude (ou segundo valor) e a regra de então continua valendo perfeitamente hoje<sup>180</sup>.

A partir desse trecho, percebe-se que a relação de amizade conduz o homem à moralidade, ou seja, à ética, tendo em vista que os amigos, visam o bem um do outro e agem corretamente de acordo com as virtudes que cada um possui. Entretanto, se o amigo não busca conduzir sua ação de forma virtuosa, a amizade não estará visando o bem do outro como finalidade, mas apenas como meio para satisfazer o seu prazer pessoal. Amizade virtuosa se dá pela reciprocidade do bem querer. Contudo, Francesco Alberoni continua sua argumentação sobre a influência que a amizade possui na vida moral:

O fato de a amizade conter um comportamento ético tão forte torna verdadeira a afirmação 'diz-me com quem andas e te direi quem és'. Os amigos são o retrato objetivo da moralidade da pessoa. Eles nos indicam seu rigor, a sua intransigência, mas também o seu amor pela inteligência, sua criatividade e até tolerância<sup>181</sup>.

O contato com o outro, desde os antigos até alguns filósofos da modernidade é fundamental para o desenvolvimento moral do homem, através da influência de outros, os homens podem crescer moralmente. E assim deve ser o amigo, um espelho de virtude, que reflete a bondade mutuamente. Lembrando de uma das características da amizade já estudada nos capítulos anteriores é a correção mútua. Quando o amigo estiver se direcionando para o caminho errado, ou em outras palavras, se desviando para o caminho da imoralidade, é essencial,

---

<sup>179</sup> Cf. AZEVEDO, João de; DUARTE, Dias. A amizade em Montaigne: transformações na experiência da pessoa no século XVI. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: ANPUH, 2009, p. 7. Disponível em: <<https://anais.anpuh.org/?p=17964>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

<sup>180</sup> ALBERONI, Francesco. **A amizade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p.32.

<sup>181</sup> ALBERONI, Francesco. **A amizade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p.37.

dar uma ajuda através da censura nas relações de amizade virtuosa. Segue as palavras de Cícero:

Que seja esta, pois, a primeira lei da amizade, de não pedir nem fazer pelos nossos amigos senão coisas honestas; mas não esperemos que nos roguem; demonstremos sempre zelo, jamais desleixo: ousemos também dar-lhes livremente nossos conselhos. Que a autoridade de um amigo que aconselha o bem seja, na amizade, todo poderosa; que ele a utilize para advertir com franqueza e mesmo, se for necessário, com severidade; mas saibamos obedecer à sua voz<sup>182</sup>.

Nota-se que através da correção fraterna os amigos podem crescer mutuamente de forma que os possibilitam agir virtuosamente em prol da amizade, que poderá com isso se desenvolver cada vez mais, pois na amizade os amigos são convidados a fazer o bem um para o outro com auxílio das virtudes. Consequentemente, Cícero já exortava: “Eu vos exorto ainda a estimar tão altamente a virtude, sem a qual a amizade não existe, pois que fora dela, não encontraríeis nada de mais excelente do que a amizade<sup>183</sup>.”

### 3.4 Relação entre amizade e felicidade

Tomando como base a ideia da relação entre amizade e felicidade, Montaigne em seus ensaios escreve argumentando que Menandro dizia que a felicidade estava naquele que havia encontrado a sombra de um amigo. O humanista relaciona esse pensamento com a experiência de amizade que teve a oportunidade compartilhar por apenas quatro anos com o seu grande amigo, Étienne de La Boétie. Veja a exposição do ensaísta:

Dizia Menandro que podia estimar-se feliz quem tivesse encontrado a sombra de um amigo. E tinha por certa razão de o dizer mesmo que houvesse conhecido tal felicidade. Se, com efeito, comparo o resto da minha vida, a qual graças a Deus me foi suave e fácil, isenta de aflições penosas (à exceção da perda de meu amigo), cheia de tranquilidade no espírito, tendo-me contentado com as vantagens que devo à natureza e a minha condição social sem procurar outras; se comparo minha vida inteira aos quatro anos durante os quais me foi dado gozar a companhia tão amena de La Boétie, ela não passa de fumaça. É uma noite escura e aborrecida. Desde o dia em que perdi ‘dia infeliz, mas honrarei

<sup>182</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 26. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>183</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 49. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

sempre, porquanto tal foi a vontade dos Deuses', não faço senão me arrastar melancolicamente. Os próprios prazeres que se me oferecem, em vez de me consolar ampliam a tristeza que sinto da perda, pois éramos de metade em tudo e parece, hoje, que lhe sonego a sua parte: 'assim decidi não mais participar de nenhum prazer, agora já não tenho aquele com quem tudo dividia'<sup>184</sup>.

Percebe-se então, que Montaigne alcançou uma felicidade através da relação de amizade perfeita que teve com seu amigo La Boétie, apesar de ter durado apenas quatro anos. Quando o humanista afirma que o dia em que perdera o seu amigo se tornou uma noite escura e aborrecida, em suma, o dia com denominação de infeliz, pode-se concluir que essa amizade virtuosa foi um caminho que o possibilitou ser feliz enquanto usufruiu desse laço de amizade, pois após a morte do amigo Montaigne se torna infeliz.

Tal amizade foi tão frutuosa que o filósofo decidiu honrar a saudosa lembrança do amigo, justamente pelo fato do amigo, como já foi analisado nos capítulos anteriores, serem um para o outro a metade que os completa, metade essa, que quando se completa, possibilita o homem ser feliz. Sendo assim, Epicuro em sua *Carta sobre a felicidade* afirma que: “[...] as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas”<sup>185</sup>. Só é possível adquirir essa felicidade por amizade, através da espécie de amizade virtuosa.

Observa-se então a necessidade já mencionada por Aristóteles, do homem feliz estar sempre em harmonia com outros: “Não menos estranho seria fazer do homem sumamente feliz um solitário [...]”<sup>186</sup>. O pensamento do Estagirita pode ser

---

<sup>184</sup> "L'ancien Menander disoit celuy-là heureux, qui avoit peu rencontrer seulement l'ombre d'un amy. il avoit certes raison de le dire, mesmes s'il en avoit tasté. Car, à la verité si je compare tout le reste de ma vie, quoy qu'avec la grace de Dieu je l'aye passée douce, aisée et, sauf la perte d'un tel amy, exempte d'affliction poissante, pleine de tranquillité d'esprit, ayant prins en payement mes commoditez naturelles et originelles, sans en rechercher d'autres: si je la compare, dis-je, toute aux quatre années qu'il m'a esté donné de jouyr de la douce compagnie et société de ce personnage, ce n'est que fumée, ce n'est qu'une nuit obscure et ennuyeuse. Depuis le jour que je le perdy, *quem semper acerbum, Semper honoratum (sic Dii voluistis) habebō*, je ne fay que trainer languissant; et les plaisirs mesmes qui s'offrent à moy, au lieu de me consoler, me redoublent le regret de sa perte. Nous estions à moitié de tout; il me semble que je luy desrobe sa part, *Nec fas esse ulla me voluptate hic frui Decrevi, tantisper dum ille abest meus particeps*. J'estois desjà si fait et accoustumé à estre deuxiesme par tout, qu'il me semble n'estre plus qu'à demy". MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 202-203, grifo do autor; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 100, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>185</sup> EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: (a Meneceu). Tradução e apresentação de Álvaro Lorencine e Enzo Del Carrote. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 47.

<sup>186</sup> EN IX, 9 1169b, p. 200-201.

comparado ao de Montaigne, na medida em que ambos os filósofos concordavam que: “[...] o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade. Por isso, mesmo o homem bom viverá em companhia de outros”<sup>187</sup>.

Montaigne, afirma que Menandro tinha razão quando faz a comparação entre felicidade e amizade, tendo em vista que ser feliz significa o cumprimento, o bom êxito e o sucesso ao outro, que na amizade se tornam com isso apenas um, a partir da reciprocidade e exclui a área das obrigações. Com efeito: “[...] a sombra do amigo [...]”<sup>188</sup> indica a presença do amigo, que dá estabilidade e proteção ao companheiro<sup>189</sup>. Cícero retrata em sua obra sobre a questão da estabilidade que se encontra em uma amizade perfeita, na qual os amigos têm o mesmo gosto, sempre partilhando a confiança:

O fundamento desta estabilidade e desta constância que procuramos na amizade é a confiança: sem ela, nada é estável. Escolhemos, pois, um amigo de costumes simples e fáceis, que pense e sinta como nós; tudo isto conserva a fidelidade. Uma alma dissimulada e tortuosa não pode ser fiel. Aquele que não tem o mesmo gosto, nem os mesmos sentimentos nossos, não pode ser um amigo certo e constante<sup>190</sup>.

Nos ensaios de Montaigne, nota-se também que o humanista teve uma vida suave e fácil, repleta de calma, tendo em vista que, o ensaísta vivenciou a experiência de uma felicidade, exceto no momento em que perdera o seu grande amigo, portanto, pode-se dizer que Montaigne foi feliz através da experiência de amizade virtuosa:

[...] o resto da minha vida, a qual graças a Deus me foi suave e fácil, isenta de aflições penosas (à exceção da perda de meu amigo), cheia de tranquilidade no espírito, tendo-me contentado com as vantagens que devo à natureza e a minha condição social sem procurar outras [...]”<sup>191</sup>.

<sup>187</sup> EN IX, 9 1169b 20, p. 201.

<sup>188</sup> “[...] l'ombre d'un amy”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 202; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 100, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>189</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 125. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>190</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 34. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>191</sup> “[...] le reste de ma vie, quoy qu'avec la grace de Dieu je l'aye passée douce, aisée et, sauf la perte d'un tel amy, exempté d'affliction poissante, pleine de tranquillité d'esprit, ayant prins en payement mes commoditez naturelles et originelles sans en rechercher d'autres [...]”.

É possível então afirmar que o pensador moderno viveu de forma virtuosa, na qual os conflitos dos vícios não o atingiram ao ponto de o afligir, gerando assim uma espécie de perturbação. Levando em consideração que a felicidade está relacionada com a virtude, Montaigne não se perturbava porque vivia virtuosamente junto com seu amigo. Cícero afirmou que: “A natureza deu-nos a amizade, não como cúmplice do vício, mas como auxiliar da virtude”<sup>192</sup>. Com isso, a amizade está em perfeita harmonia com a virtude, essa harmonia possibilita o homem ser feliz, e pode-se dizer que o ensaísta chegou a atingir essa felicidade enquanto La Boétie viveu. Os filósofos, Montaigne e Étienne, puderam vivenciar essa amizade como um grande auxílio para a vida feliz, pois, a amizade como virtude é um dos elementos que contribuem para a vivência de uma felicidade, buscada nas relações humanas.

### 3.5 Relação entre amizade e melancolia

Montaigne, de acordo com os escritos de Nelson Maria, teve um relacionamento de amizade com La Boétie que no final foi marcado pelo dilema da morte e melancolia. Apesar de ser de pouca duração, a amizade de ambos os filósofos, é notável que ela seja como fumaça ao se comparar com a vida numa forma global. Portanto, o humanista, goza da companhia, convivência que estão relacionadas com o estar junto com outro e, portanto, o sentimento é ameno e agradável<sup>193</sup>. Pode-se comparar a vida feliz de Montaigne, com o que Miguel Spinelli afirma:

[...] a amizade contém em si mesma *bens* humanos altamente desejáveis, quais sejam, o prazer e a felicidade... Por ser a amizade uma prática e/ou uma vivência: praticar a amizade é o mesmo que vivenciar uma vida prazerosa e feliz<sup>194</sup>.

---

MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 202; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 100, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>192</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 41. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>.

Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>193</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 125. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>194</sup> SPINELLI, Miguel. Epicuro e o tema da amizade: a philía vinculada ao êrôs da tradição e ao êthos cívico da pólis. **Princípios**: Revista de Filosofia, Natal, v. 18, n. 29, p. 05-35, nov. 2011, p. 18. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/1304>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

Fazendo uma comparação desse trecho com a vida feliz em relação à amizade de Montaigne e La Boétie, percebe-se que é justamente essa a finalidade de constituir uma amizade perfeita, o homem anseia por uma vida feliz e prazerosa. Nota-se então que o ensaísta teve essa oportunidade de atingir uma felicidade através da experiência de amizade perfeita. Assim como Montaigne guarda a lembrança da amizade perfeita que um dia o levou a ser feliz, Cícero expõe:

Todavia, a lembrança da nossa amizade é para mim tão grata, que tenho por felicidade o viver por haver vivido com Cipião; com quem foi comum o meu cuidado nos assuntos públicos e em coisas particulares, comum à paz em Roma e a milícia nas Guerras, e um grande consentimento, no que consiste a maior força da amizade, nos estudos, nos desejos e nos pareceres. E assim não me lisonjeia tanto este conceito de sábio, de que Fanio me falou, especialmente sendo falso, como a esperança de que a memória da nossa amizade há de ser eterna. E tanto mais a tenho no coração, porque em todos os séculos mal se contam seis ou oito amigos verdadeiros, em cujo número espero que a amizade de Cipião e de Lélío há de ser conhecida da posteridade<sup>195</sup>.

Essa comparação entre o pensamento ciceroniano e montaigneano pode ser feita tendo em vista que Montaigne, após a morte do seu amigo, entra em uma tristeza profunda, em um estado de melancolia e o que lhe resta é a saudosa lembrança das alegrias vividas no período em que La Boétie ainda estava vivo. Assim como Cícero em sua obra analisa a existência de poucos amigos verdadeiros, Montaigne também considerava o amigo verdadeiro, como algo raro de se encontrar: “[...] uma tal amizade é rara e não esperando, portanto, deparar com um bom juiz”<sup>196</sup>. Em concordância com o ensaísta, Cícero expõe em seus escritos, a amizade perfeita como sendo algo raro:

São dignos da nossa amizade aqueles que trazem consigo os meios de se fazer amar. Homens raros! De resto, tudo que é bom é raro e nada é mais difícil do que achar alguma coisa que seja em seu gênero perfeita em tudo. Mas a maior parte dos homens não conhece nada de bom nas coisas humanas senão o que lhes

---

<sup>195</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 11-12. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>196</sup> “[...] usage qu'une telle amitié, et combien elle est rare, je ne m'attens pas d'en trouver aucun bon juge”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 202; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 100, tradução de Sérgio Milliet.

interessa e tratam seus amigos como aos animais, estimando mais aqueles de quem esperam recolher mais proveito<sup>197</sup>.

O humanista já dominado pelo sentimento de melancolia que tomava conta do seu ser após a morte do seu grande amigo, escreve em seus ensaios dedicado à amizade:

As próprias obras que a esse respeito nos legou a antiguidade parecem-me insossas, se comparadas com os sentimentos que experimento e cujos efeitos ultrapassam até os preceitos dos filósofos: “Enquanto for clarividente, não encontrarei nada comparável a um terno amigo”<sup>198</sup>.

Através desse sentimento de tristeza, nota-se que a felicidade de Montaigne se perdeu juntamente com a morte do seu tão querido amigo, La Boétie. O filósofo moderno valorizou o vínculo de amizade perfeita que construiu com seu amigo, tendo em vista que, dividia todas as suas alegrias e tristezas com La Boétie: “Assim decidi não mais participar de nenhum prazer, agora já não tenho aquele com quem tudo dividia”<sup>199</sup>.

Nesta parte do ensaio sobre a amizade, Montaigne demonstra a sua profunda melancolia, o humanista chega ao ponto de afirmar que: “Os próprios prazeres que se me oferecem, em vez de me consolar ampliam a tristeza que sinto da perda [...]”<sup>200</sup>. Comentando essa citação, Nelson Maria analisa que os prazeres da vida não confortam mais o pensador, pois o que antes era ampliado

---

<sup>197</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 39. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>.

Acesso em: 11 de maio 2018.

<sup>198</sup> “Car les discours memes que l'antiquité nous a laissé sur ce subject, me semblent lâches au prix du sentiment que j'en ay. Et, en ce poinct, les effects surpassent les preceptes memes de la philosophie: *Nil ego contulerim jucundo sanus amico*”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 202, grifo do autor; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 100, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>199</sup> “*Nec fas esse ulla me voluptate hic frui Decrevi, tantisper dum ille abest meus particeps*. J'estois desjà si faict et accoustumé à estre deuxiesme par tout, qu'il me semble n'estre plus qu'à demy”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 203, grifo do autor; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 100, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>200</sup> “[...] et les plaisirs memes qui s'offrent à moy, au lieu de me consoler, me redoublent le regret de sa perte”. MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 203; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 100, tradução de Sérgio Milliet.

pela alegria e familiaridade de vivenciar a amizade, agora, a ampliação se dá distintamente, porque não possui mais a figura do amigo<sup>201</sup>.

A morte de La Boétie desestrutura Montaigne, pois se sente incompleto com ela. Deste modo, o ensaísta escreve que: “[...] éramos de metade em tudo e parece, hoje, que lhe sonego a sua parte”<sup>202</sup>. A perda do amigo, fez com que o humanista perdesse a melhor parte de sua alma levando o assim lamentar profundamente a todo momento. Segue a argumentação melancólica do filósofo entristecido:

Já me acostumara tão bem a ser sempre dois que me parece não ser mais senão meio: “como uma morte prematura roubou-me a melhor parte de minha alma, que fazer com a outra? Um só e mesmo dia causou a perda de ambos”. Nada fazia, nem um só pensamento tinha que não lhe percebesse a ausência, como certamente, em caso semelhante, eu lhe faltaria. Porque se me ultrapassava em méritos de toda espécie de virtude, também me sobreexcedia nos deveres de amizade: ‘Por que se envergonhar? Por que deixar de chorar tão querida alma?’<sup>203</sup>.

Montaigne demonstra toda sua lamentação na perda de La Boétie. O Ensaísta como vivenciou a experiência de uma amizade da espécie perfeita, virtuosa, chora a dor da perda do amigo. A morte, segundo Nelson Maria, parece arrancar boa parte da sua vida<sup>204</sup>. A calma que Montaigne demonstrava no início dos seus escritos sobre a amizade se perde com a morte do seu tão querido amigo, lhe restando assim somente a tristeza profunda.

Montaigne expõe a sua infelicidade por ter perdido o amigo, segundo o ensaísta a sua felicidade foi despedaçada chegando a ponto de dizer, que a sua alma desceu ao túmulo com a de La Boétie. O humanista chama o seu amigo de

<sup>201</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 126. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

<sup>202</sup> "Nous estions à moitié de tout: il me semble que je luy desrobe sa part [...]". MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 203; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 100, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>203</sup> "J'estois desja si faict et accoustumé à estre deuxiesme par tout, qu'il me semble n'estre plus qu'à demy. *Illam meæ si partem animæ tulit Maturior vis, quid moror altera, Nec charus æque nec superstes Integer? Ille dies utramque Duxit ruinam*. Il n'est action ou imagination où je ne le trouve à dire, comme si eut-il bien fait à moy. Car de mesme qu'il me surpassoit d'une distance infinie en toute autre suffisance et vertu, aussi faisoit-il au devoir de l'amitié. *Quis desiderio sit pudor aut modus Tam chari capitis?*". MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 203, grifo do autor; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 100, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>204</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 127. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

irmão, mas significando, que a amizade entre ambos estava relacionada com o maior ponto de perfeição que pudessem imaginar. Baseando-se nesse sentimento de melancolia, o pensador moderno escreve:

‘Ó irmão, como sou infeliz por te haver perdido! Contigo pareceram de um só golpe todas as nossas alegrias e esse encanto que a tua suave amizade deitava em minha vida. Ao morrer, irmão, despedaçaste toda a minha felicidade; minha alma desceu ao túmulo com a tua. Desde que não és mais, disse adeus ao estudo e a todas as coisas da inteligência’. ‘Não poderei mais falar-te e ouvir-te? Nunca mais te verei, então, ó irmão mais caro do que a vida! Ah, ao menos amar-te-ei sempre’<sup>205</sup>.

De acordo com o tópico apresentado, percebe-se que Montaigne perdeu uma parte de si com a morte do seu amigo. Toda espécie de felicidade se foi juntamente com a alma de La Boétie. O humanista dizia que a sua amizade com Étienne os unia em uma só alma. Com tal exposição do ensaísta, nota-se a imagem de uma felicidade vivida, baseada na virtude da amizade frente à figura do amigo perfeito.

Mesmo com a morte do seu grande amigo, Montaigne honra as palavras e a imagem de La Boétie, dedicando assim um capítulo de seus *Ensaíes* para descrever a relação de amizade perfeita que teve a oportunidade de vivenciar. O filósofo finaliza o trecho da citação dizendo que após a morte do amigo, o que resta é a certeza de que amará sempre o irmão e amigo. Com isso, pode-se recordar das palavras de Cícero que dizia: “A amizade é uma suma harmonia nas coisas divinas e humanas, com benevolência e amor”<sup>206</sup>. O amor possibilita a honra da saudosa lembrança.

Montaigne, segundo Nelson Maria, reencontrou em Étienne de La Boétie o reencontro de si mesmo, que com a ausência do amigo, faz do texto uma pintura viva, de modo que se filtra no texto, identifica-se com ele, faz dele sua pintura viva. Contudo, os *Ensaíes* representam a busca do humanista no seu

---

<sup>205</sup> "O misero frater adempte mihi! Omnia tecum una perierunt gaudia nostra, Quæ tuus in vita dulcis alebat amor. Tu mea, tu moriens fregisti commoda, frater; Tecum una tota est nostra sepulta anima, Cujus ego interitu tota de mente fugavi Hæc studia, atque omnes delicias animi. Alloquar? audiero nunquam tua verba loquentem? Nunquam ego te vita frater amabilior, Aspiciam posthac? at certè semper amabo". MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937, p. 203, grifo do autor; São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 100, tradução de Sérgio Milliet.

<sup>206</sup> CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 15. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

conhecimento interior<sup>207</sup>. E essa busca de si através do outro resultou na tão almejada felicidade que durou até quando o seu amigo viveu.

Portanto, pode-se concluir que a amizade perfeita é desde a antiguidade considerada essencial nas relações humanas. O homem necessita constituir amizade da espécie virtuosa para ser feliz. A amizade como foi analisada está intimamente relacionada com a virtude, ambas visam o agir bem, tendo como finalidade o bem humano.

Montaigne de acordo com o que foi exposto no decorrer dos capítulos valorizou a sua relação de amizade com La Boétie, porque a amizade virtuosa os conduziu a uma felicidade que mesmo nos limites das relações humanas, pode ser considerada perfeita. Essa felicidade se transformou em tristeza no dia em que La Boétie faleceu, deixando assim o humanista em profunda melancolia.

Ao expressar a sua tristeza após a morte do amigo, pode-se concluir que, a vida feliz do ensaísta, estava ligada com à amizade virtuosa compartilhada com o Étienne. Assim sendo, a amizade segundo Montaigne e alguns filósofos da antiguidade, está vinculada com um dos caminhos percorridos pelo homem para ser feliz.

---

<sup>207</sup> Cf. SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 127. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

## CONCLUSÃO

Pode-se concluir através deste trabalho monográfico, com base nos três capítulos apresentados, que após a exposição do pensamento de Michel Eyquem de Montaigne e Aristóteles, por conseguinte das obras *Ensaaios (Essais)* e *Ética a Nicômaco*, a amizade (*phíla*) como sendo uma virtude (*areté*) permite ao homem vivenciar uma felicidade. O homem, almeja por natureza ser feliz, e a amizade virtuosa, que o humanista traduz como perfeita, é um dos caminhos para essa felicidade. Diversos foram os tipos de amizade analisados nos capítulos, até chegar a amizade perfeita (*amitié parfaite*).

Tanto Cícero quanto Aristóteles, representando o pensamento filosófico antigo, estão de acordo que a amizade virtuosa é a mais perfeita dentre todas as outras espécies. Percebe-se que Montaigne está em perfeita sintonia com esses filósofos, na medida em que exaltou e valorizou o tema *Amizade (amitié)*. Por isso, percebe-se que o homem se relaciona com os demais de duas formas, uma mais superficial, que o ensaísta denomina “amizades comuns” (“*amitiés communes*”), que Aristóteles vai dividir em amizade por prazer e por utilidade. A outra forma é a “amizade perfeita” (*τέλεια φιλία*), que para o Estagirita, é a amizade virtuosa, que só é possível acontecer entre os semelhantes na virtude (*αρετή*). Essas duas formas de relacionamento, ajudam ao homem a socializar-se, sendo que a primeira, as amizades comuns, não o levarão a felicidade; já a segunda, o permitirá ser feliz. Na amizade perfeita, conclui-se que os amigos compartilham e visam o bem mútuo. As amizades comuns, utilitaristas e prazerosas são passageiras e não duram por muito tempo, não são sólidas.

Uma das características do pensamento montaigneano no que refere à amizade em seus *Ensaaios (Essais)* é tratar o caráter divino dessa relação perfeita, que a faz ser única, rara e especial. A amizade não é só um conceito, mas uma experiência. Montaigne descreveu a amizade como algo espiritual, tendo em vista que, não se trata de um relacionamento de mero interesse ou satisfação de interesses, mas é algo supremo, um ponto de perfeição, uma dádiva. A amizade entre Montaigne e o seu amigo Étienne de La Boétie foi tão repentina, mas atingiu o grau de perfeição. Com isso, percebe-se que o ensaísta e La Boétie, assemelhavam-se nas virtudes e no bem querer mútuo. Havia uma reciprocidade nas características da amizade.

Michel de Montaigne, foi feliz até quando durou a amizade com Étienne. Com a morte do amigo, o humanista perdeu uma parte de si, junto a alma de La Boétie, se foi toda sua felicidade. Portanto, a partir dessa conclusão, constata-se que existiu a imagem de uma felicidade vivida através da amizade virtuosa, de acordo com a perfeita amizade. Constatou-se também que o método ensaístico foi de grande importância para o pensamento montaigneano. O *Ensaio*, como uma forma de reviver momentos importantes do passado, é um meio de tornar presente a experiência vivida. Ensaiar, é uma maneira de não esquecer, de sempre estar lembrando algo.

O humanista propõe em seu ensaio *Da Amizade (De l'amitié)*, uma busca constante de si, através do contato com o outro. A associação mútua do homem o permite reconhecer a sua humanidade, a necessidade de compartilhar as suas alegrias e tristezas com um amigo. Com isso, percebe-se que o homem solitário não pode ser feliz, como afirmou Aristóteles. A amizade traz consigo muitos benefícios para os relacionamentos, dentre eles, a confiança e a partir disso surge à correspondência dos gostos, tanto que Montaigne e La Boétie se intitulam além de amigos, irmãos. Assim, unem suas vontades numa amizade indivisível, compartilham das experiências de vitórias e fracassos mutuamente.

A beleza do relacionamento de amizade está na capacidade de construir uma amizade que seja virtuosa, tendo em vista que, somente os virtuosos, como foi analisado por Aristóteles, Cícero e tantos outros filósofos, podem constituir uma amizade perfeita, pois, se relacionam através da reciprocidade do bem querer, ou seja, têm como finalidade o bem do amigo. Os amigos virtuosos, se relacionam visando o crescimento mútuo. E essa amizade perfeita como já foi concluído, não é fácil de ser encontrada. A amizade adquire um caráter humanista a partir de que o outro revela o “eu” na análise de Montaigne. Portanto, a amizade assegura a existência de si mesmo.

A amizade perfeita como foi elencada no decorrer deste trabalho, desde a antiguidade é essencial nas relações humanas, e está intimamente relacionada com a virtude, pois visam o agir bem do homem, e o conduz a uma felicidade. Montaigne, assim como os filósofos que foram apontados no presente trabalho, valorizaram a amizade, pois um dos caminhos para felicidade está na virtude, e a amizade como sendo uma virtude, permitiu que Michel de Montaigne e seu amigo Étienne de La Boétie, vivenciassem essa felicidade que na sua ordem, dimensão,

intensidade, virtude, pode ser perfeita nos limites da relação entre pessoas humanas.

Conclui-se que, quando Montaigne admite que a sua alma foi enterrada com La Boétie, afirma também que foi feliz com o amigo, enquanto ele viveu e compartilhou da sua amizade. O ensaísta se isola em seu castelo com melancolia, fruto da tristeza profunda que o filósofo se encontrava após o falecimento de Étienne. Montaigne foi feliz, e a amizade foi sem dúvida um dos caminhos percorrido pelo humanista para alcançar tal objetivo. Ser feliz é a finalidade de todo homem, com isso, pode-se resumir em poucas palavras que, o ser humano é um tendente natural para a felicidade. A permanência da história de amizade está na junção que o pensador faz entre o vivido e o escrito.

Este trabalho permite ver o que há de mais belo na amizade, a vivência das virtudes como condução para felicidade humana. Nos laços de amizade nota-se a busca pela realização do homem. A amizade é um caminho para a vida feliz, que vale a pena com certeza ser vivenciada e, por conseguinte, ser lembrada através da memória e dos escritos, ou melhor, dos *Ensaíos*, tornando presente experiências passadas. Ser amigo, é ser um espelho de virtude, que reflete o caminho e conduz uns aos outros à felicidade.

## REFERÊNCIAS

ALBERONI, Francesco. **A amizade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ANTUNES, João Lobo. “Da Amizade”. **Revista Portuguesa de Cirurgia**, Lisboa, v.25, p. 31-34, 2013. Disponível em: <[https://“Da+Amizade”+joao+lobo+antunes&oq=“Da+Amizade”+joao+lobo+antunes&gs](https://Da+Amizade)>. Acesso em: 10 de maio 2018.

ARÃO, Jorge Douglas. Da Felicidade a Amizade: percursos éticos. **Sapere Aude**, Belo Horizonte. v.2, n.4, p. 89-94, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/3050>>. Acesso em: 4 de maio 2018.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução Torrieri Guimarães. 6.ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

AZEVEDO, João de; DUARTE, Dias. A amizade em Montaigne: transformações na experiência da pessoa no século XVI. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <<https://anais.anpuh.org/?p=17964>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

CASSIANO, João. **Conferências 16 a 24**. Tradução Leonardo Fróes. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2008.

CÍCERO, Marco Túlio. **Diálogo Sobre a Amizade**. São Paulo: Saraiva, 2001. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-dialogo-sobre-a-amizade-cicero-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)**. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencine e Enzo Del Carrote. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

LUNA, Junior Cesar. **O problema da amizade nos Ensaios de Montaigne: sobre “Da Amizade” (I,28)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2016. Disponível em: <[http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3071/2/Junior\\_C\\_Luna\\_2016.pdf](http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3071/2/Junior_C_Luna_2016.pdf)>. Acesso em: 13 de maio 2018.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 1981. v.1.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

\_\_\_\_\_. **Essais**. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1937.

MULLER, Marden. **Montaigne e Cícero**. Disponível em: <<http://cifmp.ufpel.edu.br/anais/1/cdrom/mesas/mesa12/03>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

PICHLER, Nadir Antônio. As três formas de amizade na ética de Aristóteles. **Ágora Filosófica**, Pernambuco, ano 4, n.2, p. 193-207, jul./dez. 2004. Disponível em:

<<https://As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&dq=As+três+formas+de+amizade+na+ética+de+Aristóteles&gs>>. Acesso em: 4 de maio 2018.

ROCHA, Fátima Niemeyer da. A Representação da Felicidade na Antiguidade: Um Diálogo com a Psicologia Positiva. **Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 2, n. 1, p. 53-68, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://editorauss.uss.br/index.php/RM/article/view/145/108>>. Acesso em: 11 de maio 2010.

ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psychê**, São Paulo, v.10, n.17, p. 65-86, jan./jun 2006. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 de maio 2018.

RODRIGUES, Carlos Eduardo de Lima. Da Amizade em Montaigne. **Filogenese**, Marília, v.4, n.2, p. 14- 20, 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/369662631/Carlos-Eduardo-de-Lima-Rodrigues>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

SCHAEFER, Sérgio. **A Filosofia e a Felicidade**: a concepção de felicidade em Aristóteles. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

SILVA, Maria Regina Ponte da. **O conceito de amizade em Aristóteles**. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/o-conceito-de-amizade-em-aristoteles>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

SILVA, Nelson Maria Brechó da. **A Amizade em Montaigne**. 137f. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91789>>. Acesso em: 13 de maio 2018.

\_\_\_\_\_. A Amizade Equitativa e Indivisível em Montaigne. **Contemplação**, Marília, n.1, p. 3-17, 2010. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/3/4>>. Acesso em: 10 de maio 2018.

SPINELLI, Miguel. Epicuro e o tema da amizade: a philía vinculada ao éros da tradição e ao êthos cívico da pólis. **Princípios**: Revista de Filosofia, Natal, v. 18, n. 29, p. 05-35, nov. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/1304>>. Acesso em: 11 de maio 2018.

## Errata

Nos dois resumos do trabalho, onde se lê “Étienne La Boétie”, na verdade é “Étienne de La Boétie”. Bem como na introdução, página 12, no final do último parágrafo.

No capítulo I, página 22, parágrafo 2, onde se lê “são bons em si mesmo”, na verdade é “são bons em si mesmos”.

No capítulo II, página 29, nota de rodapé 74, onde se lê “castelo do XIV”, na verdade é “castelo do século XIV”.

No capítulo II, página 43, parágrafo 2, onde se lê “obra do ensaísta”, na verdade é “obra de Aristóteles”.

No capítulo III, página 61, citação 181, onde se lê “indicam sei rigor”, na verdade é “indicam seu rigor”.

No capítulo III, página 70, parágrafo 3, onde se lê “vinculada com”, na verdade é “vinculada como”.